

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

SARA MARIELLI DOS SANTOS FERREIRA DA SILVA

**AS NARRATIVAS DO JORNAL NACIONAL E O SIMULACRO DO
JORNALISMO NA CIBERCULTURA**

DISSERTAÇÃO

CURITIBA

2022

SARA MARIELLI DOS SANTOS FERREIRA DA SILVA

**AS NARRATIVAS DO JORNAL NACIONAL E O SIMULACRO DO
JORNALISMO NA CIBERCULTURA**

**The narratives of Jornal Nacional and the simulacrum of journalism in
cyberculture**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Estudos de Linguagens pelo Mestrado em Estudos de Linguagens do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Orientadora: Profa. Dra. Maurini de Souza

CURITIBA

2022



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



SARA MARIELLI DOS SANTOS FERREIRA DA SILVA

AS NARRATIVAS DO JORNAL NACIONAL E O SIMULACRO DO JORNALISMO NA CIBERCULTURA

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 20 de Abril de 2022

Dra. Maurini De Souza, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Jose Carlos Fernandes, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dr. Marcelo Fernando De Lima, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 20/04/2022.

Olho algum jamais viu, ouvido algum nunca ouviu e
mente nenhuma imaginou o que Deus predispôs
para aqueles o amam.
I Co 2: 9

A Deus.

A minha família.

Aos meus amigos.

Agradecimentos

Por muitas vezes pensei qual seria a melhor forma de escrever essa página para agradecer publicamente as pessoas que me ajudaram a concluir o mestrado, pois, com certeza, essa conquista não é só minha. Sem dúvida alguma, quero agradecer primeiramente a Deus, autor da minha vida e detentor da minha fé. Só consegui finalizar essa pesquisa porque Deus me sustentou e me deu a oportunidade de estudar por dois anos. Agradeço também ao Fabio, meu marido, meu companheiro, meu melhor amigo, que sempre me incentivou e reafirmou que eu era capaz de passar no processo seletivo e cursar o mestrado. Também agradeço aos meus filhos Rafaela e Pedro que, por muitas vezes, tiveram paciência e compreensão nos dias em que eu precisei ficar ausente para estudar. Sou muito grata aos meus pais, que sempre me incentivaram a estudar e deram suporte para que eu pudesse cursar o mestrado. Eles sempre foram a minha base e cobertura. Registro aqui o meu “obrigada” à minha irmã, que por muitas vezes revisou a minha escrita. Sempre disse que ela é mais inteligente do que eu e continuarei dizendo. Agradeço aos meus amigos que ouviram as minhas lamurias e escutaram sobre os desafios que eu encontrava no mestrado e, por muitas vezes, oraram por mim. Também sou grata aos colegas de turma que, mesmo distantes por conta da pandemia, nunca foram ausentes. Sempre me ajudaram quando precisei. E, de forma muito especial, agradeço a minha orientadora Maurini de Souza, que desde o primeiro dia, quando eu ainda era aluna externa, me acolheu, me incentivou, me ensinou muito e principalmente nunca soltou da minha mão. Digo que a Maurini é, sem exageros, uma excelente professora, muito competente e presente. Ela é simples, justa e acalma a alma quando coisas não vão bem. Muito obrigada, Maurini! Você sempre será a minha “super Super”!

RESUMO

SILVA, Sara Marielli dos S.F. As narrativas do Jornal Nacional e o simulacro do jornalismo na cibercultura. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) — Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Esta dissertação propõe uma análise a partir das narrativas de reportagens não atuais do Jornal Nacional, apresentando-as como simulacro do jornalismo contemporâneo possibilitado pela cibercultura. Para isso, serão apresentados os principais acontecimentos históricos da televisão no Brasil, o desenvolvimento tecnológico desse veículo de comunicação de massa e o conceito de simulacro inculcado na veiculação de telejornais na internet. As análises desta pesquisa serão embasadas nos estudos e teorias de Barbosa (2013), Baudrillard (1981), Castells (2003), Charaudeau (2010), Chauí (2006), Genro Filho (1987), Lage (2001) e Barbero (2013). Metodologicamente serão analisadas três reportagens antigas do Jornal Nacional, desde a estreia até 2015. Os anos de: 1970, 2000 e 2010 foram escolhidos a partir do critério temporal, a fim de analisar as narrativas do telejornal em décadas diferentes, aliados à disponibilidade do material na plataforma Globoplay.

Palavras chaves: Narrativa jornalística. Simulacro. Jornal Nacional. Cibercultura.

ABSTRACT

SILVA, Sara Marielli dos S.F. The narratives of Jornal Nacional and the simulacrum of journalism in cyberculture. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) — Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

This dissertation proposes an analysis from the narratives of not currents reports of Jornal Nacional and their characters of simulacrum of contemporary journalism represented by cyberculture. To do this, will be apresented the main historical events of television in Brasil, the technological development of this mass communication vehicle and the concept of simulacrum instilled in de broadcasting of television News on the internet. Tha analyses of this research will be based on studies and theories of Barbosa (2013), Baudrillard (1981), Castells (2003), Charaudeau (2010), Chauí (2006), Genro Filho (1987), Lage (2001) e Barbero (2013). Methodologically three old reports form the Jornal Nacional will be analyzed, from its debut until 2015. Tha years of: 1970, 2000 e 2010. Were chosen based on the temporal criterion in order to analyze the narratives of the television news in diferent decades, together with the availability of material on the Globoplay plataform.

Key words: Journalistic narrative. Simulacrum. Jornal Nacional. Cyberculture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Beija-Flor faz o desfile “A criação do mundo na tradição Nagô”.....	52
Figura 2 – Sequestro do ônibus 174.....	56
Figura 3 – Internautas registram ruas alagadas no Rio de Janeiro.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 NARRATIVAS JORNALÍSTICAS.....	10
2.1 ATUALIDADE NO JORNALISMO.....	15
2.2 INTERESSE PÚBLICO.....	24
3 DA TELEVISÃO À REDE – SIMULACROS.....	28
3.1 TELEJORNALISMO.....	32
3.2 JORNAL NACIONAL.....	34
3.3 SIMULACROS E NOVAS TECNOLOGIAS.....	36
3.4 TECNOLOGIAS.....	41
4. ANÁLISE DO CORPUS.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo existe a partir do momento que exerce a função social de relatar fatos atuais de interesse público em um período regular¹. Para isso, a prática jornalística utiliza técnicas de escrita que resultam em um padrão estético próprio. No século XX, novas tecnologias permearam os meios de comunicação possibilitando o acesso de reportagens em que o fato é relatado ao vivo e também disponibilizado para visualização posterior. Nessa segunda opção, por meio de links, a internet serve como meio de acesso a reportagens antigas, que não cumprem mais a sua função factual, e são trazidas nesta pesquisa como forma de apresentar ao “consumidor de notícias” um simulacro de jornalismo. No Brasil, o Jornal Nacional é um telejornal diário, exibido ao vivo de segunda-feira a sábado em horário nobre²; as reportagens antigas desse jornal serão o objeto de estudo deste trabalho.

Em 1º de setembro de 1969 (g1.globo.com, 2010), o Jornal Nacional estreou no Rio de Janeiro, transmitindo informações narradas em imagens preto e branco. Em 1972, os telespectadores viram pela primeira vez as imagens coloridas. A evolução tecnológica acompanhou o crescimento da audiência da televisão brasileira e, em 1977, foi possível assistir à primeira reportagem ao vivo.

Em 10 de setembro de 2001, foi disponibilizado ao público links de acesso para que pudessem assistir posteriormente reportagens selecionadas do Jornal Nacional pela internet por meio do site www.globo.com. Nesse canal eletrônico, também era possível consultar as cinco últimas edições do Jornal Nacional e rever séries de reportagens.

A evolução tecnológica permitiu que, no dia 1º de abril de 2008, o Jornal Nacional fosse incorporado na íntegra no site de notícias do Grupo Globo, oportunizando ao público que encontrasse na internet os links para acesso às demais edições do telejornal. Em 3 de novembro de 2015, o Grupo Globo lança a Globoplay, a nova plataforma digital de vídeos que, em formato de streaming,

¹ A origem da palavra, do latim *diurnali*, aponta para essa regularidade temporal.

² Horário nobre: expressão jornalística para período em que o maior número de pessoas vê ou ouve programa; período de maior audiência.

permitia que o público acessasse conteúdos por meio de um computador ou smartphone sem necessidade de *download*³ (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

Essa disponibilização eletrônica se destaca pela falta de atualidade que esse material jornalístico é apresentado ao público e, dessa forma, instiga esta pesquisa, que tem como interesse apontar as narrativas das reportagens antigas como simulacro do jornalismo contemporâneo.

Nesse sentido, esse trabalho busca analisar edições do Jornal Nacional, a fim de observar os elementos que o apresentam como um simulacro de jornalismo, aparentemente o mesmo produto apresentado pela televisão nos períodos anteriores, mas diferente da sua essência, que carrega a atualidade como um dos fatores preponderantes. Para isso, em um primeiro momento, pretende-se apresentar a atualidade como cerne do jornalismo. Mostrar a narrativa jornalística como um elemento complexo dentro de uma estética que tem a atualidade como fundamental para prática jornalística é um dos objetivos desta pesquisa. Evidenciar como os estudos sobre simulacro transparecem o conceito e se relacionam com o objeto de estudo desta pesquisa é um dos pontos principais nesse trabalho.

Este tema se justifica como parte do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), consoante a linha de Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia, por entender que esta pesquisa abrange assuntos relacionados com estética jornalística e tecnologia, sendo assuntos de destaque na contemporaneidade.

Não se encontrou, em bancos de teses e dissertações da Capes e análises em Google Acadêmico e BOCC, análise similar, em que se demonstra a pertinência e possível ineditismo do jornalismo televisivo como corpus para estudos em outras áreas além das Sociais Aplicadas, em que se encontra. Sobre os temas Jornal Nacional e simulacro, separadamente, destacam-se os seguintes trabalhos acadêmicos: *Atualidade no jornalismo - Bases para sua delimitação teórica*, tese de Carlos Eduardo Franciscato, que estudou a temporalidade operada pela atividade jornalística e as formas como o jornalismo atua para a construção de um tipo específico de experiência social do tempo presente; *As transformações dos recursos da linguagem do Jornal Nacional*,

³ Download: corresponde à ação de transferir dados de um computador remoto para um computador local

dissertação de Ulisses Gomes da Rocha Junior, que analisou os recursos da linguagem do Jornal Nacional e observou como esse processo de mudanças se mantém em curso na atualidade; *Telejornalismo Transmídia: Modos de endereçamento e estratégias enunciativas no Jornal Nacional*, tese de Rodrigo Martins Aragão que investigou de que maneiras a transmídiação acarreta transformações no modo de endereçamento do telejornal, no caso o Jornal Nacional; Do “mito” ao “simulacro”: a crítica da mídia, de Barthes a Baudrillard, artigo de Maria Eduarda da Mota Rocha que estudou a noção de mídia na interpretação dos autores acerca das dinâmicas sociais no pós-guerra.

A avaliação feita por esses autores considera, além da comparação de semelhanças e diferenças entre modelo e simulacro, a estética do produto - linguagem, forma, conteúdo, cor e outros aspetos que nos permite classificá-los como análogos ou não. Diferente dos trabalhos destacados, esta pesquisa pretende estudar de que forma as notícias sem atualidade divulgadas nos canais de comunicação oficiais da Rede Globo⁴ podem apresentar ao público um conceito de simulacro de jornalismo produzido pelo jornalismo e ofertado pela cibercultura.

Metodologicamente, a escolha do Jornal Nacional se dá por se tratar do programa com maior audiência no Brasil desde a estreia, em primeiro de setembro 1969, alcançando no início da primeira década de existência, com 54 pontos em média no Rio de Janeiro e 30 pontos em São Paulo (BARBOSA, 2013).⁵

⁴ É a maior rede de comunicação do país e a segunda maior do mundo – ficando atrás apenas da ABC, dos Estados Unidos (GRUPO GLOBO, 2018, on-line). Formada por cinco emissoras privadas, tem 118 afiliadas, pertencentes a diversos grupos empresariais do Brasil. Alcançando uma média de 170 milhões de telespectadores, com sinal que chega a 5.490 cidades – 98% dos municípios brasileiros, está presente em mais de 100 países, por meio da Globo Internacional, tendo seu conteúdo assistido por cerca de 300 milhões de pessoas em todo o planeta (MEMÓRIA ROBERTO MARINHO, 2018, on-line).

Segundo o PNT (Painel Nacional de TV) a audiência nas 15 regiões metropolitanas no Brasil, 1 ponto percentual representa 268.278 domicílios e equivale 716.007 pessoas. O PNT, não mede a audiência do país inteiro, mas projeta uma audiência nacional nas 15 regiões metropolitanas de maior consumo de TV no Brasil. Segundo o Kantar Ibope que mede a audiência nas grandes cidades, 1 ponto de audiência na grande São Paulo, região que responde pela maior fatia de telespectadores, 1 ponto de audiência representa 76.577 domicílios e 205.377 espectadores.

Fonte: <https://telepadi.folha.uol.com.br/kantar-ibope-atualiza-dados-de-audiencia-de-tv-para-2021/>

Em 2021, data de término desta pesquisa, a audiência do Jornal Nacional alcançou a média de 48,4 milhões de pessoas, de segunda-feira a sábado, com transmissão pela Rede Globo de Televisão⁶. Para a realização da pesquisa, serão analisadas edições (1970, 2000 e 2010) do telejornal. A escolha das edições decorre prioritariamente da disponibilização na internet⁷; em seguida, buscou-se encontrar uma reportagem em décadas diferentes a partir de 1970, baseando-se em uma análise cronologia temporal.

Esta pesquisa procura instigar e despertar outras áreas, como a história, e o jornalismo, por exemplo, a investir em estudos similares. Sugestiona-se um novo estudo sobre as motivações por parte dos internautas em reverem reportagens antigas na internet. Não é o objetivo dessa pesquisa entender a os motivos dos acessos às reportagens antigas.

Para isso, nesta seção introdutória, será mostrado o conceito geral da pesquisa e do conteúdo. O capítulo 2 aborda definições das narrativas jornalísticas ante aos acontecimentos noticiosos, além de apresentar a atualidade jornalística como elemento participante na prática de noticiar. Capítulo 3 mostra como e se pode haver uma relação entre as narrativas jornalísticas e o conceito de simulacro no jornalismo contemporâneo, sendo a tecnologia um elemento fundamental e totalmente participante no desenvolvimento da comunicação de massa. No capítulo 4, será realizada a análise do corpus da pesquisa, que se propõe analisar três reportagens não atuais do Jornal Nacional, desde a estreia até o ano de 2010, disponíveis na internet por meio dos canais oficiais da Rede Globo.

⁶ <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/jornal-nacional-impacta-484-milhoes-de-pessoas-na-ultima-quarta.html#:~:text=O%20novo%20recorde%20de%20mortes,Vasconcellos%2C%20o%20recorde%20do%20ano.>

⁷ As reportagens escolhidas tiveram como primeira opção a disponibilidade dos canais formais a Rede Globo na internet. Esta pesquisadora entrou em contato com a emissora solicitando a disponibilidade de mais edições anteriores a 2000, mas lhe foi negado sob o argumento de que não há um cronograma definido para ofertar matérias antigas (conversa em chat no site Globo.com/globoplay).

2. NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

Entende-se como narrativa jornalística aquela empregada em jornal, revista, rádio, televisão e sites noticiosos que narra um fato e oferece informações sobre um acontecimento relevante embasado no interesse público. Quanto à estrutura de criação textual, o jornalismo informativo também se atém a regras de estrutura textual. Por isso, a abordagem feita pelo jornalismo como forma de divulgação dos acontecimentos relevantes permite compreender a notícia como narração da realidade em um determinado tempo.

Para que o fato escolhido pelos critérios jornalísticos seja conhecido pela sociedade, os jornalistas utilizam técnicas de escrita para observar e descrever de forma distanciada e isenta os acontecimentos referindo ao consumidor de tal notícia o ambiente, as ações, os sujeitos participantes do evento, a motivação para tal acontecimento existir e o relato apontando o tempo em que o fato aconteceu.

O fluxo de informações em que os fatos são “pinçados”, “escolhidos” pelo jornalista, a fim de atender o interesse público, é construído obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas, representadas pelo gênero jornalístico informativo, e subjetivas, representadas pelo gênero jornalístico opinativo. É fundamental apontar que a objetividade é antagônica à subjetividade. Nesse sentido, percebe-se o uso do gênero informativo identificado quando a notícia carrega predominantemente a narrativa factual, ou seja, o formato que descreve o ocorrido e não emprega análise, nem opinião de algum especialista. E, para essa pesquisa, será discutido o gênero jornalístico informativo.

O jornalismo possui características e técnicas que lhe garantem um gênero e uma linguagem estética ímpar, sendo a atualidade, segundo Adelmo Genro Filho (2012), o principal atributo compatível à singularidade. Nesse caso, tal singularidade pode ser representada pelo *lead*, que é a base do jornalismo e sintetiza as informações de uma notícia, visando a objetividade nas respostas às questões do “quem”, “quando”, “onde”, “como” e “por que”.

O *lead* é uma importante conquista da informação jornalística, pois representa a reprodução sintética da singularidade da experiência individual. As formulações genéricas são incapazes de reproduzir essa experiência. O caráter pontual do *lead*, sintetizando algumas informações básicas quase sempre no início da notícia, visa à reprodução do fenômeno em sua manifestação empírica, fornecendo um epicentro para a percepção do conjunto. (GENRO FILHO, 1987, p.174)

Observa-se que o *lead* serve para atrair a atenção do consumidor da notícia já no primeiro momento da reportagem e assim fornecer as informações relevantes do acontecimento. A narrativa jornalística é materializada pelas questões propostas pelo *lead*. Neste aspecto, é possível observar que Lage (2001) e Sartor (2016) falam do *lead* enquanto narrativa jornalística que além de garantir a divulgação das informações mais relevantes e manter a distância do narrador, ainda possui uma estética própria pela forma que a notícia é apresentada ao público.

Umberto Eco (1984) destaca que programas de informação feitos pela televisão produzidos de forma gravada ou ao vivo fornecem enunciados sobre eventos que podem ser políticos, do cotidiano, esportivos ou culturais. E, segundo Eco, em cada uma dessas formas o público espera que a televisão cumpra com sua obrigação (a) dizendo a “verdade”, (b) dizendo-a segundo critérios de relevância e proporção, (c) separando informações e comentário. O autor também define, nesse estudo, o que se chamaria de verdade factual:

O bom senso também a atuação crítica encontram-se muito mais vulneráveis diante daquilo que se chama transmissão ao vivo na tevê, naquele caso sabe-se mesmo quando se desconfia que a transmissão ao vivo não é tão ao vivo assim, mas quem sabe mascarada como tal que as câmeras vão para transmitir ao vivo num local onde **algo acontece e que aconteceria igualmente mesmo que as câmeras não estivessem presentes.** (ECO, 1984, p.195 – grifo da autora)

Nesse sentido percebe-se o uso da regra jornalística a fim de proteger a verdade factual e as informações de forma que o jornalista se torna responsável pelos dados que divulga. Ainda considerando esse apontamento, nota-se que a tecnologia proporcionou ao público o contato com a “Neotevê”, conceito designado por Eco (1984) que proporcionou ao telespectador a escolha do

conteúdo por meio do controle remoto. Observa-se que a “Neotevê” tem um papel precursor das plataformas de streamings, como é o caso da Globoplay, citada nessa pesquisa, que entrega ao público notícias ao vivo ou gravadas.

Para Sodré (2006), no que refere a epistemologia da comunicação, é preciso entender que as ciências sociais e humanas procuram inscrever o fato social numa ordem de causalidade capaz de levar a uma apreensão objetiva da realidade por meio de uma interpretação adequada. Considerando esse posicionamento do autor, é possível traçar um paralelo com o jornalismo que relata fatos de interesse público na área social, histórica, econômica, esportiva, cultural, entre outros, e, dessa forma, exerce uma metodologia da comunicação por meio das técnicas de escrita baseada no lead, colocando em prática a práxis social, a fim de gerar compreensão ao público dos acontecimentos na sociedade.

Ainda segundo Sodré (2006), é vital aceitar a experiência da realidade criada pelos dispositivos técnicos e mercadológicos da comunicação a partir da forma que os seus efeitos de convencimento têm uma especificidade, com o intuito de reafirmar o conceito de verdade proferido pelo jornalismo na televisão.

Vale citar o fato de que muita gente, em lugares diversos, recusava-se a acreditar no desembarque do homem na lua, transmitido pela televisão. Ante a indagação de um pesquisador sobre se não percebia que se tratava da transmissão de algo efetivamente ocorrido na realidade, um espectador respondeu: “Sim, mas é televisão!” Ou seja, o telespectador acreditava na televisão, mas não forçosamente na realidade extramidiática, supostamente objeto da transmissão. A forma de vida instituída pela mídia é um outro meio vital, também fonte específica de razoabilidade e afeto. (SODRÉ, 2006, p. 43)

Observa-se que tanto o jornalismo quanto a tecnologia operam processos dinâmicos que organizam a realidade feita de imagens e informações capazes de traduzir acontecimentos do cotidiano e, assim, produzir uma sensação de realidade por meio de notícias divulgadas em telejornais. Dessa forma, entende-se que o telejornal é um produto de comunicação que detém a confiança do público pelo fato de relatar a verdade factual selecionada pelo jornalista ou equipe jornalística como de relevância pública na atualidade de abrangência do veículo que a transporta (instantâneo, de hora em hora, diário, mensal ou outros). Atualmente o jornalismo produzido por alguns telejornais se encontram disponíveis em suportes eletrônicos, como aparelhos televisores, celulares e

computadores, independente do momento de sua transmissão original, o que é uma das marcas destes tempos de cibercultura.

O intuito de construir uma linguagem objetiva e isenta para que se apresente o acontecimento de forma íntegra, baseado na fidelidade das informações atuais ou não, deixa ao telespectador a incumbência de produzir o próprio julgamento e análise da notícia. Segundo Lage, esse seria o ponto de equilíbrio firmado no conceito de verdade extraído dos fatos com o poder de convencimento dos próprios fatos. Lage (2001) afirma que o *lead* é a forma clássica de escrever sobre um acontecimento de interesse público, sendo ordenadas primeiramente as informações mais relevantes.

Chamaremos de *lead* clássico: 1) aquele ordenado segundo o princípio da precedência da notação mais interessante; 2) aquele constituído (estruturalmente ou na forma manifesta) de um único período, ocupando de três a cinco linhas datilografadas de 72 toques por linha (em casos excepcionais, dependendo do ritmo fonológico e sintático, um pouco mais ou menos do que isto); 3) aquele constituído, pelo menos em nível de concepção, de uma única oração principal, isto é, de uma proposição declarativa cujos termos podem ser palavras isoladas, locuções ou orações subordinadas (substantivas, adjetivas, circunstanciais). (LAGE, 2001, p.67, 68)

Esse processo realizado pelo *lead* de divulgar a notícia iniciando-a pelas informações que marcam sua singularidade denominou-se no jornalismo como: “pirâmide invertida”. Segundo Genro Filho (1987), é preciso tomar a figura da pirâmide como demonstração de igualdade, tendo o triângulo equilátero como modelo de estrutura. Os três ângulos da mesma proporção indicam equilíbrio entre as partes que a compõem, sendo elas: singularidade do fato (o aqui e agora), a particularidade que o contextualiza (cultura e instituições do tempo presente que simboliza), e, com base nessa relação, uma certa racionalidade intrínseca que estabelece seu significado universal (que seria o *Zeitgeist*, de Hegel, base de suas argumentações). Nesse sentido, observa-se que a estrutura da notícia representa uma técnica de escrita que vincula as principais informações às narrativas, dentro da factualidade. Portanto, entende-se que o *lead* é a síntese da narrativa jornalística, caracterizando-o como singular.

Levando em consideração a teoria da pirâmide invertida apontada por Genro Filho, observa-se uma relação com a tríade dialética universal-particular -

singular demonstrada por Hegel (1992). No caso de Genro Filho, ele parte da releitura de Lukács dessa tríade dialética que define o padrão objetivo-subjetivo no que refere à produção estética da informação.

Hegel manifesta, em sua obra *Fenomenologia do Espírito* (1992) que o tempo é fundamental e serve como ponto de partida para qualquer discussão. Para ele a posição do particular em relação ao singular é representada pelo universal; já com relação ao universal, pelo singular. Além disso, é na relação de contraste entre o particular, que abrange instituições e culturas de diferentes épocas, e o singular, revelado por meio da relação aqui-agora, que se expressa essa universalidade demonstrada pelos discursos que compõem cada tempo histórico.

O teórico assume que a história é delineada por um “espírito do tempo” (“*Zeitgeist*”), um Universal dominante. Além disso, o filósofo demonstra que, na tríade proposta, todos os conceitos compõem igualmente processo e resultado, tendo envolvimento direto ao longo de toda a construção histórica.

Segundo Hegel, o singular existe em diferentes momentos do aqui-agora, é aquilo que acontece no instante. Para Hegel o particular é perceptível a partir da ligação das instituições que participam do singular corroborando para a construção da universalidade formada pelos discursos que compõem cada tempo histórico. Fazendo um paralelo da tríade exposta por Hegel segundo a leitura de Lukács, a pirâmide invertida apresentada por Genro Filho (1987) também é responsável por um processo e um resultado, a construção da notícia, iniciando-se pelo lead.

Para Genro Filho (1987), o elo entre universalidade, particularidade e singularidade está, portanto, refletido na questão da narrativa jornalística e, conseqüentemente, na estética. Com intuito de analisar as narrativas reportagens do Jornal Nacional, desde a estreia, para esta pesquisa, serão levadas em conta os elementos “quando” (“agora”, “atualidade”) e “que” (“interesse público”) que fazem parte da composição do lead.

A intenção de dar foco nesses dois pontos é entender de que forma as reportagens não atuais podem representar um simulacro de jornalismo. Nesse sentido, observa-se que a narrativa jornalística tem a autenticidade definida pelo tempo, pela atualidade que carrega, porém se o atual foi quebrado, o interesse

público da reportagem é inexistente, logo deixa de ser jornalismo e se apresenta como simulacro.

Segundo Walter Benjamin (2014), a reprodução da obra de arte permite que a autenticidade seja perdida. Para ele a autenticidade está no momento em que produz a obra, e disso trata-se da aura da obra. Fazendo um paralelo com o jornalismo, a autenticidade da reportagem tem a ver com o momento em que é notícia é consumida; depois disso, se o espectador for revê-la, é simulacro, pois a atualidade e o conseqüente interesse público que levou a matéria ao ar naquele momento foram anulados. Dessa maneira, a atualidade, fundamental no jornalismo, será tratada na próxima seção.

2.1 ATUALIDADE NO JORNALISMO

A atualidade é um fator fundamental para o jornalismo segundo autores como Genro Filho (2012); Franciscato (2003) e Moreira (2007). Neste caso, para esta pesquisa, pretende-se analisar, sob base teórica externa a essa área, o material antigo de telejornalismo, mais especificamente do Jornal Nacional, com reportagens selecionadas desde a estreia, em 1969, até o ano de 2020. Se esse gênero da comunicação é caracterizado pelo aspecto temporal (“hoje”), o material antigo de telejornalismo disponibilizado na contemporaneidade pelos canais oficiais da Rede Globo forma um simulacro de jornalismo.

Nesse sentido, o “que”, outro componente participante do *lead* também será estudado nessa pesquisa, pois é o “que” fator que embasa na definição e na descrição de uma notícia frente ao interesse público que determinado fato detém. A descrição e a definição de uma notícia são realizadas pelo jornalista, que, em sua função de pauteiro, ou seja, aquele que baseado na concepção editorial do veículo de interesse público, escolhe entre os acontecimentos o que é notícia. Ele orienta o repórter que é quem relata o fato à sociedade e, por sua vez, repassa ao editor que é aquele que revisa a reportagem antes de ser publicada pelo apresentador, no caso dos veículos de rádio e televisão.

Nesta seção, o foco será demonstrar a pertinência e a participação do aspecto atualidade na estruturação do jornalismo e na produção de reportagens jornalísticas. Entende-se que a atualidade é a captação dos fatos de relevância

ocorridos na sociedade e expostos no tempo hoje deixando explícita a demonstração do agora. Para Moreira (2007), a atualidade jornalística é o espaço de tempo entre a cobertura notícia e a divulgação. Nesse sentido, a notícia é capaz de gerar relatos sobre fatos e promover o interesse do público pelo que está em evidência no presente e o pelo debate social que gera.

O jornalismo se abastece do cotidiano e procura diariamente extrair acontecimentos que impactam o social, tornando tal ocorrido em notícia. A reportagem é como um recorte no tempo atual que relaciona diferentes aspectos sociais envolvidos no fato.

Para Franciscato (2003), o jornalismo só pode considerar notícia quando a atualidade for característica do acontecimento. Ele considera que o fato atual é operacionalizado no jornalismo como “novidade”, garantindo dessa forma, a noticiabilidade de um evento. Ainda nesse sentido, ressalta que os suportes digitais de comunicação, experienciados pelo público no final do século XIX e início do XX, refizeram as marcações do tempo para que a divulgação das notícias se tornasse mais veloz. (FRANCISCATO, 2003, p.50)

Diante dessa análise, percebe-se que a internet, o rádio e a televisão são suportes tecnológicos que possibilitam noticiar em tempo real⁸. Segundo Charaudeau (2010), os veículos de comunicação de massa fazem recortes dos acontecimentos relevantes do mundo e os divulgam em formato de notícias, sendo que cada meio de comunicação carrega sua linguagem e características de produção específicas.

Cada suporte de difusão (imprensa, rádio, televisão) o faz à sua maneira, em função dos meios técnicos que lhe pertencem, mas o que é comum a todos é o quadro temporal que define a notícia como *atualidade*. A atualidade é, pois, o que responde à pergunta: “o que passa neste momento?” É o que dá a notícia seu caráter factual desprovido, em seu princípio, de qualquer qualificação subjetiva e de qualquer tentativa de explicação de sua razão de ser. (CHARAUDEAU, 2010, p. 133)

⁸ É considerado tempo real quando o jornalista relata a notícia no exato momento que o fato acontece. Tal definição também serve para acontecimentos noticiáveis em jornais online.

Seguindo o posicionamento de Charaudeau (2010), é importante ressaltar que a internet trouxe ainda mais agilidade no processo de atualidade, pois assim como o rádio e a televisão, que são mídias eletrônicas, oferecem ao consumidor notícias ao vivo, a internet, por meio de sites de notícias, também tem essa característica de oferecer atualidade instantânea ao internauta.

Para que um fato se torne notícia, é preciso que aconteça no presente; diferente disso, não é notícia atual. No jornalismo, toda informação atribuída ao ontem perde o caráter noticioso (do “hoje” de cada veículo), e se transforma em uma narrativa de outro gênero conforme linguagem empregada. Portanto, entende-se que, no jornalismo não atual analisado nesta pesquisa, a notícia de ontem foge do presente e conseqüentemente do singular, como enfatiza Genro Filho (1987).

Souza (2019), ao trazer a situação de uma denúncia contra a ditadura militar brasileira pela revista alemã *Der Spiegel*, em 1970, aponta que, para resgatar essa informação, que foi ocultada dos brasileiros por causa de censura institucional, nos dias de hoje, ela teria que se transvestir de outra forma, pela falta de atualidade. No escrito, a autora sugere o teatro, demonstrando que, dos pontos que separam o jornalismo do teatro, destacam-se o teor de ficção que percorre o teatro – nesse caso, seria preciso um prólogo ou elementos extratextuais para demonstrar que a ficção é baseada em fatos reais – e a “questão da atualidade é outro ponto. O jornalismo trabalha com a abordagem de um tema cujo referente na sociedade para a qual se apresenta é temporalmente próximo – essa peculiaridade é encontrada nos diferentes gêneros desse universo”. (p. 155)

Sendo assim, pretende-se fazer uma análise das narrativas jornalísticas do Jornal Nacional, disponibilizado pelos canais oficiais da Rede Globo de Comunicação. Acredita-se que, mediante a evolução tecnológica, é possível ampliar também o estudo do jornalismo informativo televisivo do Jornal Nacional, a fim de se observar se as narrativas jornalísticas oriundas de reportagens sem atualidade se sujeitam a uma análise provinda do conceito de simulacro. Nesse caso, como um produto que sofreu a modificação de suporte, analógico ao digital, telejornal e a internet, tendo em vista que o Jornal Nacional

é um produto feito para televisão, esta pesquisa não contemplou o alcance desse telejornal em outras formas de suportes tecnológicos.

Os telejornais antigos, dentre os quais se insere o Jornal Nacional, que nasceu jornalismo e hoje chega até nós graças às novas tecnologias,⁹ podem ser entendidos como simulacro de jornalismo quando baseados em estudos relacionados ao conceito. Os suportes digitais como sites, plataformas de streaming e redes sociais, por exemplo, possibilitam o acesso a um volume maior de conteúdos informativos sem um agendamento de tempo.

No intuito de pesquisar o Jornal Nacional e o conceito de simulacro nas narrativas jornalísticas das reportagens sem atualidade, Nunes (1995) contribui quando explica sobre os diferentes tempos da narrativa, pois, há a presença de marcações do tempo em diferentes linguagens.

Os enunciados explicativos da história se aplicam à trama dos acontecimentos empiricamente validados como verdadeiros. A narratividade assinala a distância dos fatos históricos em relação ao aqui e agora que caracteriza qualquer acontecimento quando narrado; (NUNES, 1995, p. 42)

Para Nunes, a história é uma ciência factual, oposta à ficção por produzir enunciados sobre eventos singulares de fatos já ocorridos pertencentes ao passado. Entende-se que o fator tempo exerce total importância na construção da notícia, seja ela pertencente ao jornalismo atual ou não.

Nesse sentido, observa-se que assim como os museus de cera da Europa e dos Estados Unidos retratados por Eco (1984), em que o autor aponta os detalhes das estátuas de cera os compara com a realidade, as notícias antigas fazem com que o consumidor veja o conteúdo da televisão antiga como se fosse algo real, pois, graças à tecnologia atual, o passado pode ser conservado como uma cópia do real, já que apresenta as mesmas características, tendo em vista

⁹ Exemplos de telejornais disponibilizados na internet:
<https://www.band.uol.com.br/noticias/jornal-da-band>
<https://noticias.r7.com/jr-na-tv>

que a forma de avaliar o interesse público contido no acontecimento e a forma de escrever reportagens jornalísticas foram mantidos.

A paleotevê, descrita por Eco (1984), servia como produtora da realidade. Para o autor, essa foi a época em que a televisão obstinava-se em apresentar a realidade a partir do surgimento de programas de perguntas e respostas e telejornais.

O homem, firmado em novas tecnologias, encontrou formas de marcar o tempo e graças a elas é possível comparar e entender a duração ou a velocidade de processos que se desenrolam sucessivamente; no jornalismo, a periodicidade exerce esse papel, e, por conta do fator tempo, as reportagens antigas se tornaram simulacros de realidade, acessados por meio da tecnologia que proporciona a possibilidade de consumir o conteúdo que não é mais atual, e assim, a irrealidade se oferece como presente real.

Nesse sentido, percebe-se que a tecnologia fez com que, por meio do controle remoto e da internet, essa contagem de tempo fosse quebrada a partir da publicação de notícias em tempo real, ou não, pois é a escolha do canal que tira o público do factual concedido pelo ao vivo e, o transporta ao passado, quando requerido o consumo de uma reportagem antiga disponível no universo online.

Para Muniz Sodré (2006) assim como a “Neotelevisão” para Eco (1984), o “bios midiático” caracteriza-se pela relação que empreende entre a tecnologia, a comunicação e o telespectador, que impulsionada pelas inovações em telecomunicações, faz com que o público explicita suas preferências e assim contribui para aproximar a mídia ainda mais do mundo cotidiano.

O indivíduo e o mundo relacionam-se efetivamente por meio do tempo e do espaço (base de toda comunicação concreta), que são quadros de percepção mutáveis, de formas modificáveis segundo as variações da história e da cultura. O bios midiático é uma transformação técnica do espaço-tempo, adequada às novas estruturas e configurações da vida social. (SODRÉ, 2006, p. 99)

A afetação da tecnologia, assim como diz Sodré (2006), evidencia que é possível viver plenamente além da era em que prevalecia o pensamento conceitual. Percebe-se que os conceitos e a estrutura da prática jornalística continuam os mesmos: o interesse público e o lead, porém, hoje, na era da modernidade, o espírito do tempo pode ser revisto graças a tecnologia que “quebra” a barreira do ontem com o tempo do hoje por meio das reportagens jornalísticas disponibilizadas na internet.

A relação do tempo no jornalismo sempre foi um fator preponderante para que existisse a notícia, pois o fato é narrado pelo jornalista baseado na cronologia do “quando” para que as narrativas das reportagens sejam construídas ao longo das eras.

Para Paul Ricoeur (1994) é a práxis cotidiana que ordena um tempo em relação ao outro, o presente do futuro, o presente do passado, o presente do presente. Nota-se então que, a sequência de fatos relacionados com o presente, passado ou futuro, citados pelo autor, são perceptíveis ao público por meio de notícias, e dessa forma, tem-se uma ideia de tempo, essa tão prezada pela prática jornalística, mas que pode ser quebrada, caso haja desejo do espectador em rever algo que foi fato relevante, mas não mais do dia de hoje; logo, não é notícia, e sim um simulacro de notícia construído com o passar do tempo.

É chegado o momento de ligar os dois estudos independentes que precedem e de pôr à prova minha hipótese de base, a saber, que existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal. (RICOEUR, 1994, p. 85)

Nesse sentido, Ricoeur (1994) destaca que a história narrada fora da atualidade pode constituir uma representação do tempo, como se estivesse escoando do passado em direção ao futuro, segundo ele como a “flecha do tempo”. Diante do apontamento do autor, entende-se como se a recapitulação dos fatos invertesse a ordem dita “natural” do tempo, e assim, do fim para o começo e do começo para o fim, aprende-se a ler o próprio tempo às avessas. Essa leitura retrocedente apresentada pelo autor, mostra que o consumo do

conteúdo da reportagem em outro tempo, fora da periodicidade, mesmo preservando as características de verdade factual e as técnicas de escrita do lead, o conteúdo apresenta-se como simulacro de jornalismo.

Para Nibert Elias (1998) a ideia de "tempo" em uma sociedade permite transmitir de um ser humano para outros imagens que dão lugar a uma experiência, à maneira simbólica, diante da sequência irreversível dos acontecimentos, tanto naturais quanto sociais, e serve de meio de orientação dentro da grande continuidade dos acontecimentos. Numerados, em meses, dias e anos do calendário passam a representar fatos recorrentes, mas que não se repetem da mesma forma. Nesse ponto, observa-se que a sucessão irreversível do tempo só é possibilitada a partir do momento que em o telespectador quebra a barreira do tempo com o uso da tecnologia e acessa determinado conteúdo pertencente ao passado.

Nesta pesquisa serão observadas as narrativas das reportagens sem atualidade do Jornal Nacional tendo como aspectos de análise da proposta metodológica por Gancho (1991). De forma didática, Gancho propõe a observação de aspectos, dentre os quais foram selecionados os seguintes: tempo cronológico, espaço e narrador (foco narrativo).

No primeiro aspecto Gancho, nomeia como tempo cronológico os acontecimentos que transcorrem na ordem natural dos fatos e é mensurado pela marcação de horas, dias, meses, anos e séculos. No jornalismo, o tempo também é fator preponderante na construção de reportagens, é ele quem determina que a notícia é atual ou não.

Segundo Gancho, "não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história." (GANCHO, 1991, p.25). Nesse sentido, essa característica pode ser observada no jornalismo quando o repórter descreve a situação, o ambiente onde ocorreu e os detalhes ocasionados no local. Para esta pesquisa, será utilizado o narrador terceira pessoa, definido por Gancho como: "imparcial" (1991, p. 25) No caso do jornalismo, o narrador é representado pelo repórter, que estará presente no evento da notícia, porém, terá apenas a função narrar, não será participante da história.

Optou-se em trabalhar esses aspectos por estarem também presentes nas teorias da comunicação (MARTINO, 2014; ENZENSBERGER, 2003; MELO, 2016). As reportagens antigas contam sobre o passado baseado nas histórias de fatos, que, por sua vez, são uma parcela da multiplicidade de cada acontecimento na sociedade; elas não atualizam, porém, esses fatos. Para Martino (2014), o passado não é uma narrativa. São os fatos que já aconteceram que trazem evidências documentais e assim constroem narrativas.

Enzensberger (2003), por sua vez, levanta questionamentos que envolvem: aspectos econômicos, comunicação de massa, interação do público e o uso de novas tecnologias. Em um dos pontos de discussão, o autor argumenta que as situações revolucionárias ocasionadas por suportes digitais sempre produzem, nos meios de comunicação, transformações espontâneas impulsionadas pelas massas e essas abrigam imensas energias políticas e culturais. Para ele o livro impresso proporciona a leitura isolada, sendo que o microfone do rádio, a câmera do cinema ou da televisão seriam mais democratizantes, pela sua dinamicidade, que, para o autor, é decorrente da (tecnológicos) necessitam de com o público.

De uma perspectiva histórica, a literatura escrita só teve papel dominante por poucos séculos. A predominância do livro hoje nos parece apenas um episódio. Um período incomparavelmente maior a precedeu quando a literatura era oral; agora, ela é absolvida pela era das mídias eletrônicas, que, com sua tendência intrínseca, faz, por sua vez, todos falarem. (ENZENSBERGER, 2003, p. 91)

Até que ponto se pode afirmar que a “predominância do livro hoje nos parece apenas um episódio”, afirmada por Enzensberger, se aplica ao telejornalismo não atual na contemporaneidade é uma das empreitadas deste trabalho. Visando a compreensão acerca do telejornalismo não atual e a estética das narrativas do Jornal Nacional que essa pesquisa propõe, toma-se como base a análise de Melo (2016), no que diz respeito aos conceitos de gênero jornalístico que funcionam como ferramentas para a produção de conteúdos atraentes, a fim de manter ou potencializar audiência. Segundo Melo, o jornal impresso foi o protótipo dos gêneros jornalísticos, posteriormente aderidos pelos veículos de

comunicação eletrônicos. Sendo assim, há o seguinte panorama dos gêneros jornalísticos e de suas respectivas funções:

- informativo: vigilância social;
- opinativo: fórum de ideias;
- interpretativo: papel educativo, esclarecedor;
- diversional: distração, lazer;
- utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas. (MELO, 2016, p.49)

Considerando que o gênero é um dos aspectos tratados na teoria da comunicação e que esta pesquisa busca analisar a narrativa jornalística do Jornal Nacional em reportagens antigas, percebe-se que o conceito de gênero informativo apresenta aspectos que o tornam teoricamente atraentes para esta abordagem. Neste sentido, José Marques de Melo (2016) propõe um modelo classificatório, a fim de favorecer um pensamento mais sistematizado sobre os gêneros jornalísticos.

Para Melo (2016), a produção da mídia é, toda, uma produção de formatos. O autor afirma que os gêneros midiáticos se caracterizam, por serem uma “promessa de conteúdo”, uma espécie de contrato previamente acordado entre emissor e receptor. Observa-se que o formato jornalístico é o resultado da configuração de características que diferem de outras produções por priorizar informações atuais de acontecimentos relevantes na sociedade.

Ainda segundo Melo (2016), gênero jornalístico é o formato que a comunicação de massa periódica agrupa diferentes formas e espécies de transmissão de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos a fim de atingir a audiência do público.

Para completar esta reflexão, serão utilizados materiais teóricos sobre as novas tecnologias. (CASTELLS, 2003; CASTELLS, 1996). Busca-se demonstrar a pertinência dos estudos de cibercultura para a análise das narrativas jornalísticas de reportagens não atuais disponibilizadas pela internet. Antes,

porém, serão trazidos elementos sobre o interesse público, um dos fatores primordiais do jornalismo. Toda essa base tem como objetivo apresentar elementos para o entendimento deste jornalismo trazido pelas novas tecnologias e sua apresentação enquanto simulacro dessa forma de comunicação.

2.2 INTERESSE PÚBLICO

Ao tratar do interesse público na comunicação, mais especificamente relacionado ao jornalismo, entende-se que esse quesito assume um dos papéis fundamentais no exercício da função de noticiar. Na atuação jornalística, percebe-se o interesse público como elemento legitimador quando está em questão o critério de noticiabilidade.

Ao conferir visibilidade às questões concernentes aos cidadãos, fomentar o debate crítico e aberto sobre temas de relevo político e exercer papel de fiscalização dos agentes públicos e das instâncias de poder, o jornalismo foi demarcando seu lugar identitário e justificando sua existência e importância para as sociedades democráticas. A partir desse contexto histórico, o papel de representação e defesa do interesse público gradativamente tornou-se fundamento ético-epistêmico da profissão, constituindo sua deontologia e incidindo na produção jornalística como um dos mais importantes critérios para seleção, hierarquização e construção da notícia. (SARTOR, 2016, p.25)

Para Sartor (2016), o jornalismo tem a representação e a defesa do interesse público, e por meio da profissão, o jornalista aciona os mais importantes critérios para seleção, hierarquização e construção da notícia, a partir do entendimento e divulgação de uma temática relevante perante a sociedade. Sartor (2016) salienta ainda que jornalismo se constrói discursivamente sob o compromisso de relatar a verdade dos fatos e de colaborar com a manutenção e o desenvolvimento da democracia.

A jornalismo estrutura-se para, por meio de reportagens, a fim de suprir de informações a sociedade que é regida por interesses compartilhados no que diz respeito a temas sociais. Nesse caso, cabe ao jornalista um hibridismo subjetivo objetivo, o papel de interpretar assuntos e temas que tenham

relevância e de alguma forma relacionem-se com o público que vai consumir tais notícias. Se isso houver, caracteriza-se interesse público.

O compartilhamento de um assunto, oriundo da esfera privada, sendo o ponto focal da notícia uma figura pública, celebridade ou pessoa de notoriedade social, se nele houver a percepção do senso de sociedade diante de um fato inédito ou problema comum a ser resolvido, misturado ao desejo coletivo de expor e discutir certos temas ou situações que concernem ao social é o que provoca a produção de reportagens voltadas ao esclarecimento, à crítica e ao debate entre os cidadãos. Nesse sentido, observa-se que se não há audiência e nem noticiabilidade, não há interesse público.

Entende-se que o interesse público no jornalismo é a função que representa a forma democrática que pode ser exercida pela profissão, pois, tanto a seleção dos acontecimentos quanto a construção da notícia devem narrar os fatos relevantes, relatar a verdade dos acontecimentos a fim de formar e expressar a opinião pública além de exercer a vigilância social diante das esferas pública e privada.

Segundo Charaudeau (2010), é possível chamar de notícia um conjunto de informações novas que se envolvem num mesmo tempo, mesmo espaço e sejam cedidas por uma fonte. Diante desse apontamento do autor que tais informações são escolhidas, coletadas de uma fonte, verifica-se a necessidade de narrador, no caso o jornalista que faz esse papel intermediário entre o acontecimento e o público.

Propomos chamar de “notícia” a um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado. Um mesmo espaço temático: significa que o acontecimento, de algum modo, é um *fato* que se inscreve num certo *domínio* do espaço público, e que pode ser reportado sob a forma de um *minirrelato*. (CHARAUDEAU, 2010, p. 132)

Nesse apontamento feito pelo autor, observa-se que os elementos necessários para a existência de uma notícia estão totalmente atrelados ao que define o que é interesse público. Sendo assim, se não existem informações pertinentes e atuais, não há novidade, logo, não há notícia.

A prática do jornalismo diante do interesse público é que comanda as escolhas na rotina de construção da notícia e solicita ao jornalista utilizar a técnica do *lead* para que a escolha da temática seja baseada no “que”, sendo esse um dos elementos da base do jornalismo pertencente ao grupo de informações mais importantes de uma notícia.

Quando o fato desperta o interesse público, funciona como se fosse um elemento agregador de interesse dos públicos que consomem a notícia e não raro partilham o assunto no mundo virtual por meio das redes sociais. O jornalismo se notabiliza pelo “efeito de verdade” (CHARAUDEAU, 2010), pois diariamente constrói uma narrativa acerca dos acontecimentos para um público amplo, disperso e heterogêneo. A narrativa jornalística é a responsável por reunir, sintetizar e principalmente traduzir as temáticas dos mais variados setores e instituições da sociedade para todos os cidadãos.

O compartilhamento de uma reportagem reflete a percepção geral de que existe um problema comum a ser resolvido, um esclarecimento a ser dado, ao menos uma dúvida a ser sanada ou a vontade de ver novamente um acontecimento não atual, de alguma maneira tem um sentido simbólico incutido na notícia.

Também relevante é a questão do público a quem se destinam as notícias e do “contrato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2007) entre aqueles que produzem informação e aqueles que a consomem de um modo determinado, a partir de seus repertórios culturais e de suas expectativas em relação às narrativas jornalísticas e à maneira específica com a qual essas narrativas conferem sentido aos acontecimentos. E, delimitando e, ao mesmo tempo, sendo delimitada por essas relações entre organizações, jornalistas, fontes e público, as rotinas produtivas que norteiam o trabalho jornalístico também são importantes, pois contribuem para definir a noticiabilidade dos fatos, a distribuição espacial da cobertura e a temporalidade da produção noticiosa, que, por sua vez, influencia no ritmo da própria vida social. (SARTOR, 2016, p. 36 e 37)

O anseio do coletivo de discutir e compartilhar notícias é o que provoca iniciativas voltadas ao esclarecimento, à crítica, o debate entre os cidadãos e a retroalimentação do noticiário. O jornalismo preza pelo conteúdo, que é formado pela análise de critérios que definem o que deve ser inserido na mídia em formato ao vivo ou gravado sendo disponibilizado na internet para acesso posterior. Portanto, o jornalismo garante a credibilidade que produz pelo formato

utilizado para informar, além de ser orientado pelas escolhas diretamente ligadas ao interesse público, atualidade e técnicas de escrita.

3. DA TELEVISÃO À REDE - SIMULACROS

Desde que o homem sentiu a necessidade de se comunicar, precisou de alguma forma intermediária para que pudesse expressar sentimento, emoção, uma nova descoberta científica, uma história, um acontecimento ou uma notícia. A comunicação sempre foi intermediada. Seja ela escrita, falada, gestual ou digital. Os meios eletrônicos apresentaram para a sociedade possibilidades de interação com o mundo e com os acontecimentos. O avanço da tecnologia contribuiu para que novas linguagens fossem criadas e difundidas em diferentes canais de comunicação que surgiram em tempos modernos.

Para retratar a história da comunicação no Brasil, Marialva Barbosa (2013), em seu livro *História da Comunicação no Brasil* aborda pontos marcantes da relação social, econômica e cultural que a sociedade e os meios de comunicação tiveram ao longo da evolução tecnológica.

A pesquisa da autora relatada na obra discorreu sobre os processos da história da imprensa focando nas práticas humanas e sociais que demonstram situações que retratam um país, segundo ela, oralizado, ou seja, no Brasil as leituras públicas, as conversas de rua e até mesmo as fofocas nos ambientes sociais das cidades são considerados formas de comunicação. Nesse aspecto uma ampla pesquisa foi realizada e demonstrada por um apanhado de dados sobre as transformações tecnológicas nos veículos de comunicação e participação deles nos acontecimentos diários da sociedade.

A criação dos jornais impressos inicia o relato do surgimento dos meios de comunicação no Brasil (BARBOSA, 2013). Era por meio deles que as primeiras narrativas da sociedade eram retratadas pela imprensa. Para conquistar um maior número de leitores as notícias mais populares ganhavam a primeira página. Charges, palpites do jogo do bicho e as notícias de blocos carnavalescos e cordões também eram bastante lidos pelos alfabetizados da época, segundo a autora. Foi nesse período que a publicidade também ganhou seu espaço nos periódicos diários junto com o poder político e interesse no desenvolvimento tecnológico.

As tecnologias fizeram parte do mundo simbólico, a relação do leitor com a notícia diária, fez com que o rádio fosse o primeiro veículo de comunicação eletrônico a abrir caminho para participação popular. As ondas do rádio permitiram que a população ouvisse as radionovelas fazendo com que as pessoas pudessem imaginar a vida de outra forma.

Segundo Marialva Barbosa, o rádio foi a primeira mídia que apresentou ao público o tempo real e instantâneo. Os programas que tinham a participação popular faziam com que o público a noção de pertencimento daquele tempo e daquela hora. A televisão descobriu por meio das narrativas que empregava uma nova forma de promover o interesse e a participação do público por conta da linguagem peculiar que apresentava ao unir som e imagem.

Desde os anos de 1940, vez por outra uma imagem e uma palavra assumiam forma no cotidiano do público: televisão. Muitos já tinham ouvido falar na nova tecnologia que permitia que som e imagem fossem transmitidos num pequeno tubo iluminado a milhas de distância. Anúncios do novo artefato eram capazes de encenar uma expectativa em relação aos modos de ver televisão que a colocava definitivamente na sala de visitas dos que inicialmente serão chamados de “tele-espectadores”. A ideia de comodidade se sobressai em muitas das reproduções e nos textos que informam as possibilidades tecnológicas do novo “invento revolucionário da eletrônica”. (BARBOSA, 2013,p. 374)

Foi a partir da popularização da televisão que a interação ganhou *status* de audiência, e o público se tornou “fatia de mercado”. A tecnologia que uniu imagem e o som trouxe ao telespectador o sentimento de pertencimento a um país e a uma cultura (BARBERO, 2013). Foi a televisão que apresentou às pessoas uma nova forma de “ver” o mundo por meio dos programas de entretenimento e das informações contidas em telejornais.

A televisão, desde que chegou no Brasil, no final da década de 1950, é um dos veículos de comunicação de massa mais consumidos pela população (DALLA COSTA, 2004). Com o advento e popularização das novas mídias, o material televisivo tornou-se disponível, apontando para novos estudos na área das linguagens e da tecnologia.

A história da televisão brasileira pode ser dividida em duas fases. A primeira, que vai do seu surgimento, em 1950, até 1964, e é caracterizada pelo capital nacional, a improvisação e o pioneirismo. A segunda caracterizada pela chegada de investimentos estrangeiros, especialmente norte-americanos e em equipamentos de transmissão, além do desenvolvimento de produtos jornalísticos e pela profissionalização e aperfeiçoamento de seus trabalhadores (DALLA COSTA, 2004).

A Rede TV Globo, inaugurada em 26 de abril de 1965¹⁰ produziu em quatro anos após a estreia programas populares liderados por Chacrinha, Silvio Santos e Dercy Gonçalves, serviam como incremento na programação e tinham como principal objetivo conquistar audiência. Para Barbosa, foi nesse aspecto que o vídeo tape teve desvantagem em relação à transmissão ao vivo, pois tudo o que era gravado teria o mesmo efeito de um acontecimento histórico por não estar sendo retratado no exato momento em que acontece.

Segundo Marialva Barbosa (2013), em 1970, havia no Brasil, quatro milhões de aparelhos de televisão em residências, atingindo, aproximadamente, 25 milhões de telespectadores. A autora relata que os programas de televisão faziam com que os brasileiros ficassem hipnotizados pelo tempo presente. A transmissão ao vivo mexia ainda mais com o público, pois colocava diante das pessoas o imponderável já que o presente era retratado diretamente na presença daqueles que consumiam tais informações.

Ainda segundo Marialva Barbosa (2013), a primeira transmissão ao vivo de esporte da televisão, como cerimônia, foi a Copa do Mundo de 1970. Todos os jogos da Copa do México inauguraram um novo tempo governado pela lógica da TV. O jogo Brasil e Inglaterra, exibido no dia 10 de junho, teve mais audiência do que a transmissão da chegada do homem à lua, no ano anterior. Em 1976, já havia no país 11 milhões e 603 mil aparelhos de TV (Abinee).

¹⁰ <http://globotv.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/webdoc-cronologia-inauguracao-da-globo-1965/2580478/>

Marialva Barbosa (2013) apresenta ainda que os jornais da época retratavam o impacto provocado pelas imagens enviadas pelos satélites até as casas e, diante da experiência do tempo presente, após cada jogo, festas e cenas carnavalescas se repetiam em meio às comemorações barulhentas que ocorriam nos grandes centros urbanos. Em 1980, o Brasil era o sexto país do mundo em número de televisores superado, apenas, pelos Estados Unidos, a Inglaterra, a então Alemanha Federal, o Japão e a França. Cerca de 75% dessa imensa audiência era da Rede Globo que exibia *shows*, novelas, programas humorísticos e edições jornalísticas.

Também foi nessa época retratada pela autora que as transformações tecnológicas se intensificaram, um exemplo disso foi o uso do *teleprompter*¹¹ fazendo com que o apresentador pudesse falar diretamente ao telespectador. Ao final da década de 1980, Marialva Barbosa (2013) cita que a tecnologia fez parte da história da televisão: o aumento vertiginoso das concessões de canais de TV; o aparecimento e disseminação do videocassete; o surgimento da TV UHF e da TV a cabo; Já na década de 1990 o uso de computadores domésticos inicia o processo de transformação nas práticas de comunicação do mundo digital.

Em 1995, o Ministério das Comunicações e o da Ciência e Tecnologia liberaram a operação comercial da internet no Brasil. Quatro anos depois, isto é, em 1999, o número de internautas já era superior a 2,5 milhões. Ainda no início da década de 1990 surgem os primeiros telefones móveis, então enormes aparelhos acinzentados para o bolso de muito poucos e que se limitavam a realizar chamadas. No final de 2000, já existiam mais de 23 milhões de telefones celulares em todo país (Anatel). (BARBOSA, 2013, p. 485)

Diante dessas mudanças tecnológicas ocorridas nas últimas décadas do século XX, observa-se que a televisão tem parte na história e no processo transformação da forma de consumir informação. A tecnologia quebrou noção do tempo e do espaço e graças os suportes digitais, pois permitiu que a

¹¹ É um equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exhibe o texto a ser lido pelo apresentador (a).

população pudesse acessar tudo o que é ao vivo ou gravado há muitos quilômetros de distância.

3.1 TELEJORNALISMO

No ano de 1953, o Brasil teve o primeiro telejornal: *O Repórter Esso*, produzido pela TV Tupi, que trouxe para uma bancada da televisão Kalil Filho, um famoso locutor de rádio da época que, narrava as imagens. Até a década de 1960, muitas experimentações foram feitas no telejornalismo a fim de buscar aparatos tecnológicos e uma linguagem que pudesse cativar os brasileiros que tinham condições financeiras de ter uma televisão em casa.

No Brasil, no final dos anos de 1960, já existiam 3.276.000 aparelhos espalhados por todo o país. A principal emissora era a Rede Tupi de Televisão e o seu principal programa jornalístico, o *Repórter Esso*. Os filmes ocupavam a maior parte da programação (BARBOSA, 2013). A TV Globo, apenas quatro anos depois de sua inauguração, seguia linha de veiculação de programas populares, tentando conquistar fatia expressiva do público. Foi na década de 1960 que os grupos de comunicação começaram a utilizar os avanços da tecnologia para transmitirem a programação em rede nacional.

As primeiras experiências nesse sentido foram lideradas pela TV Excelsior, TV Tupi, TV Record e, na sequência, TV Globo, TV Bandeirantes, SBT e outras. Baseadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, elas se aproveitaram dos avanços tecnológicos – inicialmente aparelhos de videoteipe (VT) e, depois, as redes de micro-ondas – para retransmitirem alguns programas comuns aos seus telespectadores e aos de outras estações televisivas em diferentes cidades e estados. No começo, eram principalmente telenovelas, programas de auditório, partidas de futebol e *shows* musicais produzidos e gravados por emissoras em São Paulo ou no Rio de Janeiro, e distribuídos para exibição em estações de outras localidades. O material gravado em fitas de VT chegava às emissoras compradoras com um ou mais dias de atraso, às vezes uma semana depois de ter sido veiculado pela televisão produtora. Naquela época, as transmissões televisivas ainda não ocorriam simultaneamente, por falta de troncos de micro-ondas e de satélites artificiais que interligassem as geradoras às demais estações, que no caso de uso do videoteipe operavam, portanto, apenas como retransmissoras. Aquele estágio inicial, percorrido pelas emissoras produtoras e seu conjunto de TVs retransmissoras de partes da programação, funcionou, na prática, como uma espécie de embrião que, mais tarde, geraria as redes nacionais e regionais de televisão. (COSTA, 2015, p.319)

De acordo com Costa (2015), a evolução da tecnologia permitiu que as televisões transmitissem no formato VHF¹² ou UHF¹³ formando redes de transmissão com diversas cidades do Brasil. Nesse esquema, emissora produtora de conteúdo é chamada de “cabeça de rede”¹⁴ e as demais emissoras de televisão que retransmitem a programação são nomeadas de afiliadas.

A Rede Globo seguiu o modelo de estação geradora, produzindo a maior parte da programação e funcionando como cabeça de rede para afiliadas que se interligam em redes estaduais e regionais. Para Costa (2015) a cabeça de rede exerce a função de coordenar, distribuir e produzir parte da programação para as afiliadas que por sua vez recebem apoio técnico e autorização para utilizar a marca do veículo de comunicação já reconhecido pelo público e pelas relações que exerce com o mercado publicitário.

Todas as emissoras comerciais brasileiras são afiliadas diretamente ou através de uma cadeia regional a uma rede nacional de TV. Na verdade, a afiliação particularmente à Rede Globo - é um dos mais valiosos ativos econômicos que uma emissora tem. E por isso ela não titubeia em pagar pela retransmissão dos programas da rede. A afiliada mede o valor da afiliação pela audiência que os programas da rede atraem, e lucra com a venda do tempo que a rede deixa em aberto para anúncios nos intervalos de programas. Além disso, ela se beneficia da associação de seu nome com os programas e astros populares, largamente promovidos no plano nacional. (JAMBEIRO, 2002, p.107)

Nesse sentido, a história da comunicação demonstra que, junto à evolução tecnológica, interesses econômicos se tornaram evidentes e influenciaram no formato da programação e dos programas não só da cabeça de rede como também das afiliadas. Segundo Jambeiro (2001), as afiliadas se beneficiam com o uso do nome da emissora cabeça de rede por usar de uma programação nacional para ganhar destaque e ainda usufruir da participação de artistas e celebridades que fazem programas em uma cidade e são retransmitidos para afiliadas.

¹² VHF é a sigla para o termo inglês Very High Frequency (Frequência Muito Alta)

¹³ UHF Ultra High Frequency (Frequência Ultra Alta)

¹⁴ Emissora responsável por produzir e distribuir conteúdo para as afiliadas.

3.2 JORNAL NACIONAL

No dia 1. de setembro de 1969, estreava o primeiro telejornal transmitido em rede nacional no Brasil, veiculado desde a primeira edição de segunda a sexta-feira. Produzido no Rio de Janeiro, na sede da TV Globo, o Jornal Nacional era retransmitido para suas emissoras em várias cidades do país, por meio de um sistema de emissão de microondas e por satélite. As inovações tecnológicas importadas dos Estados Unidos também contribuíram para que o telejornalismo ganhasse recursos visuais e de qualidade de transmissão, dessa forma, atraiu ainda mais atenção dos telespectadores. (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

Ainda na primeira década, o Jornal Nacional estreou uma reportagem ao vivo mostrando o movimento de carros que entravam e saíam do Rio de Janeiro. O Jornal Nacional também foi o primeiro produto jornalístico a realizar matérias testemunhais com a fala de entrevistados, entretanto, a maior parte do telejornal era conduzida pelos apresentadores. Cid Moreira e Hilton Gomes (MEMÓRIA GLOBO, 2019) foram os apresentadores que estrearam na bancada do Jornal Nacional.

Em 1971, Sergio Chapelin assumiu a bancada junto com Cid Moreira, e ambos apresentavam o telejornal com base nos textos produzidos por repórteres e posteriormente revisados e editados pelos editores. Cid Moreira e Sérgio Chapelin mantiveram o mesmo padrão de apresentação e consolidou um modelo favorecendo familiaridade, identidade e a memória do telespectador (ROCHA JUNIOR, 2017).

Em 1981, os comentários de Paulo Francis começaram a fazer parte do Jornal Nacional. Em 1989, uma equipe de comentaristas formada por Paulo Henrique Amorim, Joelmir Beting, Lillian Witte Fibe e Alexandre Garcia começou a fazer parte do telejornal detalhando assuntos de economia e política.¹⁵ Celso de Freitas, Fernando Vannucci e Valeria Monteiro também estiveram na bancada

¹⁵ <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/apresentadores/comentaristas-na-bancada/>

do Jornal Nacional, cumprindo a função de apresentadores entre 1983 até 1996.¹⁶

Entre junho e outubro de 2006, o Jornal Nacional buscou uma inovação no intuito de conquistar maior proximidade com os telespectadores e lançou Caravana JN. A equipe formada por 15 pessoas visitou 27 estados brasileiros e a cada quinze dias recebia a presença de um dos apresentadores William Bonner ou de Fátima Bernardes, no local onde a caravana estivesse. Até então o Jornal Nacional só tinha saído do estúdio em eventos esportivos. Rocha Junior (2017).

Em 2008, a tecnologia ofereceu uma nova possibilidade à televisão brasileira. O Jornal Nacional foi incorporado ao site de notícias do Grupo Globo, permitindo que o público encontrasse na internet os links para acesso aos telejornais. A partir desse momento, observa-se a presença de uma nova forma de consumir notícias, pois o telespectador tendo o acesso à internet não teria mais a necessidade de esperar o horário do Jornal Nacional para informar-se, sendo assim abre-se aqui um questionamento sobre a temporalidade e as narrativas criadas por um produto jornalístico que trazia na essência o inédito e que graças o advento da internet, o ineditismo mudou de tempo, atrelou-se ao tempo do acesso do internauta. Nesse sentido, observa-se a mudança do aspecto temporal, porém, a narrativa jornalística não muda, pois continua embasada nas técnicas de escrita conforme veremos no capítulo seguinte.

¹⁶ <https://www.bol.uol.com.br/listas/32-jornalistas-que-ja-passaram-pela-bancada-do-jornal-nacional.htm>

3.3 SIMULACROS E NOVAS TECNOLOGIAS

O jornalismo tem como a tarefa principal a divulgação de fatos relevantes para sociedade. Esses acontecimentos podem ser estruturados por meio do *lead*, técnica de escrita que garante ao profissional um formato para narrar com prioridade as informações que compõem a singularidade dos acontecimentos, sendo eles: quem, quando, que, onde, como e por que. Diante de tal organização de informações, forma-se uma estética de escrita que resulta em uma linguagem própria do jornalismo, validando, portanto, a credibilidade do que está sendo reportado, já que as informações divulgadas em ordem hierárquica aportam a estrutura daquilo que está sendo noticiado.

No jornalismo, o telejornal, por meio de sons, imagens e relatos, apresenta recortes da realidade proporcionados pelos fatos ocorridos no espaço público, em determinado tempo e espaço. Mesmo dentro desses parâmetros, pode-se observar que, em vez do jornalismo genuíno, com características de interesse público e atualidade, podem representar simulacros desse formato.

Para Charaudeau, a construção de realidade pode ser compartilhada com a participação de comentaristas, porém, essa abertura para outros, pode resultar em uma maneira de simulacro dentro dessa área.

Vê-se, através dessas características, que o gênero telejornal, sob propostas de nos apresentar os acontecimentos que surgem no mundo referencial, nada mais faz do que nos entregar (já pronto) um mundo evenemencial construído por ele mesmo e em parcelas. Igualmente, sob a proposta de nos permitir melhor compreender os fenômenos, apelando para comentaristas, só faz fornecer explicações pontuais e fragmentadas. Encontramo-nos, então, em plena ilusão de realismo e pleno simulacro de verdade, mas é através desse “fazer crer” que o telejornal se define. (CHARAUDEAU, 2010, p. 230)

Entende-se então que Charaudeau (2010) indaga que a participação de uma outra pessoa, que não se trata do entrevistado e nem do repórter, poderia criar uma ilusão de verdade do acontecimento. Nesse caso pode-se pensar que o conceito de objetividade protegido pela prática do *lead* e pelo compromisso de isenção do jornalista que tem a função de relatar o fato, poderia ser comprometida a partir da participação de um terceiro que contextualize, indague

e questione informações contidas na reportagem ou nas entrevistas sem ter autenticidade para isso. Nesse aspecto, observa-se o jornalismo informativo abre espaço para o opinativo em que a fonte não tem competência. Trazendo para a argumentação desta pesquisa, neste caso, a fonte não seria participante da singularidade sobre a qual se relaciona a matéria, sendo, assim, não autêntica.

Para Baudrillard, a informação devora os seus próprios conteúdos, a comunicação social e o social. Pois essa confiança no relato jornalístico, nessa maneira tautológica de reportar, redobram os signos de uma realidade impossível de encontrar.

Em vez de fazer comunicar, esgota-se na encenação da comunicação. Em vez de produzir sentido, esgota-se na encenação do sentido. Gigantesco processo de simulação que é bem nosso conhecido. A entrevista não é diretiva, a palavra, os telefones de auditores, a participação diversificada, a chantagem à palavra. (...) A informação é cada vez mais invadida por essa espécie de conteúdo fantasma, de transplantação homeopática, de sonho acordado da comunicação. (BAUDRILLARD, p.105)

Nesse sentido, levando em conta a definição de Baudrillard sobre o conteúdo fantasma, observa-se que este serve como a base para estudos e apontamentos aqui apresentados no que diz respeito ao conceito de simulacro empregado às narrativas jornalísticas de reportagens antigas disponibilizadas nos canais de internet da Rede Globo. Estudos como de Baudrillard e Marilena Chauí servem como base para essa pesquisa inédita e que se baseia em conceitos e teorias que auxiliam no estudo do objeto, neste caso, o Jornal Nacional antigo disponibilizado pela internet.

Para Marilena Chauí, a profundidade do tempo e o seu poder diferenciador desaparecem sob o poder do instantâneo (CHAUÍ, 2006). Nesse contexto, percebe-se que as reportagens já veiculadas no Jornal Nacional compõem uma narrativa jornalística que de certa forma, remetem, porém não influenciam ativamente os dias atuais, pois são conhecidas graças à tecnologia que possibilita o acesso aos fatos ocorridos no passado e se tornaram notícia naquele tempo e hoje ecoam como um simulacro de jornalismo.

Chauí defende que, no simulacro, acontece o apagamento do sujeito. No jornalismo não atual nem o repórter é sujeito, pois como se trata de um simulacro de reportagem perde-se o “quem”, o “como”, o “onde” e o “por que”. No jornalismo autêntico existe o interesse público e a atualidade. No simulacro não há atualidade, nem o interesse público, por ser a motriz para a escolha do assunto como notícia na época em que ela ocorreu.

Seguindo o fundamento de atualidade, entende-se que a notícia é aquela que retrata o aqui e o agora, mas, quando a internet possibilita o acesso posterior de um determinado acontecimento, aquilo que era o aqui e o agora, já não seria mais notícia? Assim seria um simulacro de jornalismo, já que não possui a aura dessa ferramenta de comunicação.

Nesse sentido, Benjamin (2014) aponta que o “aqui e agora” constitui o conteúdo da autenticidade. Ele trata tal situação afirmando que há uma existência única de uma obra de arte, no lugar e na hora em que ela se encontra, depois disso, é história.

A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico. Como este depende da materialidade da obra, quando ela se esquivava do homem através da reprodução, também o testemunho se perde. Sem dúvida, só esse testemunho desaparece, mas o que desaparece com ele é a autoridade da coisa, seu peso tradicional. (BENJAMIN, 2014, p. 168)

Fazendo o paralelo com as reportagens antigas do Jornal Nacional, observa-se uma semelhança em tal conceito, pois, quando um acontecimento vai ao ar no telejornal carrega a autenticidade garantida pelo relato do repórter que embasado em técnicas jornalísticas reuniu as principais informações e a transformou em notícia.

Quando uma reportagem é acessada na internet em momento posterior à atualidade do telejornal, tal notícia perde autenticidade. Nesta pesquisa, o conceito de atualidade refere-se à periodicidade diária e o interesse público

relacionado a ela, levando em conta que o Jornal Nacional vai ao ar diariamente; se o telespectador acessar o telejornal no dia posterior, por exemplo, assistirá a notícias desatualizadas. Dessa forma, perdeu-se a periodicidade, logo, as narrativas serão sem atualidade, sem o interesse público no fato, sem autenticidade, enquadrando-se então, como simulacro de jornalismo.

Para Baudrillard, remetendo ao pensamento de Benjamin (2014) o que se perde na obra serialmente reproduzida é a aura, essa qualidade singular do aqui e agora. Seguindo esse posicionamento do autor e relacionando com o jornalismo, reafirma-se a observação que o conceito de notícia que tem como um dos seus pilares a atualidade, é descartado quando está fora da periodicidade, e logo se torna um simulacro de jornalismo por se tratar de um conjunto de informações que não revelam algo novo, ou seja, são invalidadas pela falta de atualidade e interesse público.

Quando o real já não era o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização de verdade, de objetividade e de autenticidade de segundo plano. Escalada do verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo onde o objeto e a substância desaparecem. (BAUDRILLARD, 1981, p.14)

Nesse posicionamento de Baudrillard, é possível perceber a relação com esta pesquisa no sentido de embasar o conceito em que a objetividade, representada pela singularidade, e a autenticidade representada pelo interesse público ficam em segundo plano no objeto em questão. No caso de uma notícia não atual revista ou assistida pela primeira vez, por quem nem era nascido durante aquele acontecimento e não tem ideia da particularidade ou universalidade em que se inseria na internet, a verdade, traduzida pelo acontecimento, foi revivido pelo figurativo, as informações são “reais”, mas não fazem mais parte desse tempo, sendo assim, desaparecem, conforme menciona o autor.

Ainda neste aspecto, observa-se que a televisão, a partir do momento que disponibiliza ao telespectador um simulacro de jornalismo com reportagens não atuais, apropria-se de uma forma comercial com o intuito de atrair e reter o

público ofertado diversificação de conteúdo, mesmo que não seja atual, mesmo que não seja autêntico. Eco (1984) ressalta que “o todo verdadeiro” identifica-se com o “todo falso”. “A irrealidade absoluta se oferece como presença real.” (ECO, 1984, p.13). Percebe-se que a internet pode ser vista como uma tecnologia que permite o acesso entre o passado e futuro, e entre o autêntico e o simulacro.

Nesse sentido, Eco (1984) destaca que mesmo a televisão admitindo que tenha condições de operar essa distinção entre o real de notícia verdadeira e de entretenimento, a relação de verdade factual sobre a qual existia a dicotomia entre programas de informação e programa de ficção entra em crise por envolver a televisão em seu conjunto, transformando-a de um veículo de fatos em um aparato para a produção de fatos, de espelho da realidade em produtor da realidade.

O conceito de simulacro pode ser entendido como uma construção artificial e sem autenticidade ante aquilo que tem um referente no mundo. Para Perniola (2009) é na mídia contemporânea que se encontra plenas condições para fornecer ao público uma imagem muito mais complexa e elaborada do que qualquer realidade poderia oferecer, pois é por meio da internet que mais imagens são produzidas por ângulos diferenciados, podendo ser além do que se o espectador estivesse no local do acontecimento.

Seguindo esse posicionamento do autor, observa-se também que diante essa disponibilidade de imagens e informações, abre-se espaço para aquilo que não é do tempo real; logo identifica-se um simulacro de jornalismo.

Hasta ahora, los medios de comunicación han sofocado, en general, su carácter de simulacro: justificándose a sí mismos como «espejo de la realidad» o del porvenir, ante un público aún profundamente embebido de nostalgias metafísicas, han terminado en aberraciones hiperrealistas e hiperfuturistas. (PERNIOLA, 2009, p. 161)

Considerando que no caso do telejornalismo o simulacro ocorre por meio da tecnologia, que oferece informações do tempo passado, e não do factual relacionado ao tempo presente, observa-se então que a televisão cria, de certa forma, uma relação com o social, uma forma de codificação hegemônica, a partir

da identificação com o fato ocorrido e com o canal de comunicação que ele foi reportado. Sendo assim, não há influência sobre a realidade, mas sim, a constituição de uma realidade de outro tempo.

No campo da comunicação, porém, a mera reiteração do surgimento de uma “outra cultura” vertebrada pelas tecnologias da informação não se faz acompanhar de uma outra atitude epistemológica ou interpretativa - mais compreensiva, menos intelectual-racionalista, capaz de apreender os fenômenos fora da medida universal - para a análise que se pretende chamar de “comunicacional”. (SODRÉ, 2006, p. 14)

Diante dos posicionamentos dos autores apresentados neste trabalho referente ao conceito de simulacro, nota-se a existência de alguma característica que demonstra que o conteúdo não é autêntico, e no caso do jornalismo, essa característica é o tempo.

3.4 TECNOLOGIAS

Entende-se que a tecnologia é o resultado de um processo de inovações científicas e técnicas; desde o início da humanidade, ela se desenvolve numa relação dialética com os seres humanos, articulando e sendo articulada simultaneamente, a ponto de confundir a história da humanidade com a das tecnologias. Na contemporaneidade, observa-se, na história dos meios de comunicação de massa, após o rádio e a televisão se consolidarem como meios eletrônicos de informação, o desenvolvimento e utilização da internet fez com que o mundo conhecesse uma nova forma de tecnologia da informacional.

Segundo Castells (2003), as origens da Internet podem ser encontradas na Arpanet, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA) em setembro de 1969. “A ARPA foi formada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do mundo universitário, com o objetivo de alcançar superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética na esteira do lançamento do primeiro Sputnik em 1957.” (CASTELLS, 2003, p. 16).

Esse início, porém, se restringiu a grupos limitados e levou décadas para alcançar a população em geral:

Embora a Internet tivesse começado na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960, uma rede de comunicações por computador tivesse sido formada em 1969, e comunidades dispersas de computação reunindo cientistas e hackers tivessem brotado desde o final da década de 1970, para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu. (CASTELLS, 2003, p. 22)

Observa-se que o formato de rede para o consumo de informações e processamento de dados fez com a internet tivesse aderência de uso, difusão como suporte tecnológico e demandas para mais desenvolvimento. Diferentemente dos outros veículos de comunicação que não oportunizavam a participação simultânea público, “a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global.” (CASTELLS, 2003, p. 8).

Ainda segundo o autor, a conectividade em rede permitiu a formação de uma nova cultura baseada na construção coletiva que vai além das preferências individuais e influenciam as práticas das pessoas. Entende-se que a internet, além de apresentar uma possibilidade de comunicação entre elas, também participa da vida cotidiana de diferentes formas: teletrabalho, consumo de produtos, serviços, informação e entretenimento.

Os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos. A produção social é estruturada culturalmente. A Internet não é exceção. A cultura dos produtores da Internet moldou o meio. Esses produtores foram, ao mesmo tempo, seus primeiros usuários. No entanto, no estágio atual de difusão global da Internet, faz sentido distinguir entre produtores/usuários e consumidores/usuários. Por produtores/usuários refiro-me àqueles cuja prática da Internet é diretamente reintroduzida no sistema tecnológico; os consumidores/usuários, por outro lado, são aqueles beneficiários de aplicações e sistemas que não interagem diretamente com o desenvolvimento da Internet, embora seus usos tenham certamente um efeito agregado sobre a evolução do sistema. (CASTELLS, 2003, p. 41)

Castells (2003) explica que uma vez que a internet se tornou um meio essencial para a comunicação individual, passou a ser também um espaço para que atores políticos pudessem informar, recrutar, organizar e contra dominar, ou seja, para o autor, o ciberespaço tornou-se um terreno disputado para diversas atividades econômicas, políticas e sociais.

Neste sentido, percebe-se desde que a internet começou a participar da vida das pessoas, a comunicação se inseriu nesse processo. Um exemplo disso apontado por Castells (2003) diz respeito ao surgimento de jornais online no Estados Unidos. Ele relata que mesmo com versões impressas, os jornais precisaram implantar versão com acesso pela internet, pois perceberam essa demanda por parte do público. Diante desse fato apontado pelo autor percebe-se uma nova forma de consumo de informação jornalística pautada pelo avanço da tecnologia na sociedade moderna.

Castells (2003) aponta que a internet é o resultado da apropriação social de sua tecnologia por seus usuários/produtores, observa-se como exemplo disso quando o autor relata que “os jovens norte-americanos estão vendo menos televisão: entre 1985 e 2000 o número médio de horas que as pessoas com menos de 18 anos passavam diante da TV declinou 20%. Essa tendência foi atribuída em parte a um maior tempo dedicado pelos jovens a surfar na Internet (The Economist, 2001, p.60).” (CASTELLS, 2003, p. 196) Nos últimos anos, a situação intensificou-se. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, em 2018, mostrou que 17% dos norte-americanos entre 18 e 34 anos preferem assistir programações exibidas na internet, enquanto 7,5% optam em acompanhar programas dos cinco principais canais de televisão do país.¹⁷

É possível relacionar o apontamento de Castells sobre a relação dos jovens com o consumo de televisão com a abordagem de Flusser, duas décadas antes. Flusser [1983] (2007) afirma que “a transmissão de informações adquiridas de geração em geração seja um aspecto essencial da comunicação

¹⁷ <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/nos-estados-unidos-tv-aberta-ja-e-menos-vista-por-jovens-do-que-youtube-21231>. Essa pesquisa foi realizada em maio/2018 pelo grupo financeiro Cowen & Co. e publicada pelo site da revista Variety.

humana, e é isso sobretudo que caracteriza o homem: ele é um animal que encontrou truques para acumular informações adquiridas." (p. 93)

Ainda sobre esse apontamento, o autor explica que embora o espectador atue na história, não está mais interessado na história como tal, mas na possibilidade de combinar várias histórias. Para ele, a tecnologia apresentou inovações como o vídeo cassete, que possibilitou ter acesso a fitas que oferecem vários programas; neste caso, observa-se que é um processo diferente da televisão que oferta uma sem a possibilidade de mudanças na programação do conteúdo.

Vamos então buscar outro modelo que a revele mais claramente: o papel de um espectador de TV num futuro próximo. Ele terá à sua disposição um videocassete com fitas de vários programas. Estará apto a mesclá-los e a compor, assim, seu próprio programa. Mas poderá fazer ainda mais: filmar seu programa e outros na sequência, inclusive filmar a si mesmo, registrar isso numa fita e depois passar o resultado na tela de sua TV. Ele se verá, portanto, em seu programa. Isso significa que o programa terá o começo, o meio e o fim que o consumidor quiser (dentro das limitações do seu videocassete), e significa também que ele poderá desempenhar o papel que quiser. (FLUSSER, 2007, p. 122)

Flusser (2007) conceitua que a humanidade é programada por superfícies, para ele, imagens. Nesse sentido, o autor afirma que antes mesmo da escrita, as imagens eram meios decisivos da comunicação.

Levando em conta o conceito apontado pelo autor, observa-se que mesmo diante da evolução tecnológica, o homem continua a buscar imagens, porém, em tempos de modernidade, as pessoas anseiam estar nas imagens, e essa participação é possibilitada na internet, diferente dos veículos de comunicação tradicionais como rádio e televisão, que abrem espaço para as pessoas se verem como entrevistados e não como participantes ou criadores de um processo comunicativo como as redes sociais ofertam, por exemplo.

Pode-se afirmar, na verdade, que a comunicação só pode alcançar seu objetivo, a saber, superar a solidão e dar significado à vida, quando há um equilíbrio entre discurso e diálogo. Como hoje predomina o discurso, os homens sentem-se solitários, apesar da permanente ligação com as chamadas "fontes de informação". (FLUSSER, 2003, p. 98)

Tal cenário contribuiu para que os veículos de comunicação de massa eletrônicos (rádio e televisão) fizessem investimentos e buscassem inovações tecnológicas a fim de oferecer ao público melhor qualidade de transmissão pela comunicação via satélite e também aumentassem oferta de conteúdo variado pela inserção da TV a cabo. Para Barbero (2013), a hegemonia da televisão e pluralização funcionalizada do rádio serviram como “motor” para as inovações de desenvolvimento destes meios de comunicação.

Desde finais dos anos de 1980, o cenário da comunicação na América Latina é protagonizado pelas “novas tecnologias.” Vistas a partir dos países que desenvolvem e produzem essas novas tecnologias de comunicação via satélite, televisão a cabo, videotexto, teletexto, etc., elas representam uma nova etapa de um processo *contínuo* de aceleração da modernidade que agora estaria dando um salto qualitativo – desde a Revolução Industrial até a Revolução Eletrônica – do qual nenhum país pode estar ausente sob pena de morte econômica e cultural. (BARBERO, 2013, p. 255)

Esses avanços tecnológicos contribuíram para que acelerassem e promovessem o *contínuo*, conforme afirma Barbero (2013), no que diz respeito à modernização dos suportes tecnológicos que propiciaram a propagação das informações na internet e, além, disso, contribuiu para que os veículos eletrônicos de comunicação de massa disponibilizassem seus produtos jornalísticos pela internet em tempo real ou em formato de links para acesso posterior por meio de sites ou plataformas de streaming. Nesse aspecto, Castells demonstra que a forma da popularização desta tecnologia (streaming) foi ocasionada graças ao entretenimento veiculado na internet “permitindo por tecnologias MP3/Napster, Gnutella ou Freenet. O streaming também está se tornando uma tecnologia popular.” (CASTELLS, 2003, p. 200)

Considerando o apontamento do autor sobre a popularização de inovações tecnológicas, observa-se que a internet propiciou também novas formas da sociedade consumir produtos jornalísticos. O Jornal Nacional, objeto de estudo desta pesquisa, é um exemplo de televisão retransmitida pela internet por meio de site (www.globo.com) ou streaming (globoplay)

Ainda que novas tecnologias de comunicação tenham ampliado e diversificado as possibilidades de produção e disseminação de conteúdos, o

jornalismo tende a conservar a condição de autoridade para narrar os acontecimentos que se relacionam à esfera da atualidade e do interesse público, condição essa que é dada por seu capital simbólico mais importante, a credibilidade.

Para Lage (2001), a tecnologia alterou e pode alterar ainda mais as técnicas empreendidas pelos jornalistas na execução do trabalho, porém, para ele, a base da reportagem são as entrevistas, de preferência, face a face, que é o momento em que o jornalista capta da fonte informações que ela quer dizer, e também, se possível o que ela não queria dizer.

O acesso a dados oficiais é hoje facilitado pelas redes de computadores, e será mais facilitado ainda na medida em que se desenvolverem sistemas de gerenciamento de redes e bancos de dados adaptados à universalidade dos assuntos e à rotina de trabalho dos veículos. As telecomunicações (dos cabos óticos aos telefones celulares) tornaram o mundo muito menor nos últimos anos, embora o que acontece com ele seja cada vez menos interessante. No entanto, a base da reportagem continua sendo a entrevista, de preferência face a face, captando o que a fonte quer dizer e também, se possível, o que ela gostaria de não dizer. Fontes que são cada vez mais profissionalizadas e desenvolvem estratégias de convencimento sutis, buscando envolver, antes de mais nada, os próprios repórteres. (LAGE, 2001, p. 22)

A estética jornalística detém a técnica a que compete a referência em cumprir determinados critérios para captar dados e informações precisas dos acontecimentos e entrevistas fazendo com que o conteúdo se torne atraente em diferentes suportes tecnológicos, como um objeto de consumo singular na cibercultura. Assim, com a habilidade da Internet em alavancar o potencial de consumo, tem-se o produto que se está analisando neste trabalho.

Explicitando, portanto, o olhar desta pesquisa, entende-se que a internet, como resultado de um processo de inovações tecnológicas, possibilitou a comunicação por variados dispositivos eletrônicos. As notícias e o entretenimento antes assistidos pela televisão ganharam espaços nos computadores e smartphones. Os telejornais também seguiram esse caminho e passaram a disponibilizar na internet os noticiários em tempo real, e ainda, links de acesso para que o telespectador possa assistir às notícias em outro momento.

O que sei é que a única maneira séria de pensar sobre o futuro é ter uma ideia clara, empiricamente fundada, de nosso presente e de nosso passado — em particular de nosso passado recente. Em outras palavras, o meio para compreender a relação potencial entre a Internet e o mundo da mídia é refletir sobre as poucas histórias de sucesso de sua integração por volta da virada do século. (CASTELLS, 2003, p.199)

Nesse aspecto, observa-se que a internet serve como um canal que pode ligar o telespectador ao passado, quando assiste uma reportagem que já foi ao ar no telejornal, ou ainda conectá-lo ao presente, quando, por meio da internet disponível em um aparelho de televisão ou em um smartphone, o consumidor tem acesso a notícias atuais, ou então consome notícias sem atualidade, que se apresentam como simulacro de jornalismo.

4. ANÁLISE DO CORPUS

A busca incessante pelo “furo”¹⁸ de reportagem ainda presente no ambiente jornalístico é também apreciada pelo público que busca instantaneidade e, para suprir essa demanda, observa-se que a mídia tem lançado estratégias, ferramentas tecnológicas, produtos e serviços virtuais a fim de instrumentalizar, e conseqüentemente comercializar, aquilo que é desejo dos internautas que buscam conhecer ou reviver um fato do passado.

Para esta pesquisa, todas as reportagens analisadas serão extraídas dos canais oficiais da Rede Globo de Televisão (Globoplay e Globo.com) que disponibilizam o material antigo produzido pelo Jornal Nacional. Pretende-se ter como resultado uma análise das reportagens antigas com foco nas narrativas jornalísticas e a estética que possui ante o conceito de simulacro. Apresenta-se, com isso, a quebra na autenticidade da notícia de outro tempo oportunizado pelo acesso a conteúdos sem atualidade disponibilizados na internet.

A realidade é múltipla, simultânea. A língua, linear e sequencial. A realidade é infinita em seus aspectos perceptíveis e, ainda quando esgotados os recursos de um observador a olho nu, mecanismos, como a câmara lenta, os efeitos de iluminação, o estudo de radiações, as lentes e os gravadores sensíveis permitem ampliar ilimitadamente o número de dados, para além da capacidade humana de estruturá-los. Para a construção de um texto, portanto, é necessário selecionar os dados e ainda ordená-los, o que envolve a consideração de importância ou interesse. A técnica de produção industrial de notícias estabeleceu com este fim critérios de avaliação formal, considerando constatações empíricas, pressupostos ideológicos e fragmentos de conhecimento científico. As transformações da sociedade são detectadas como tendências, para cuja satisfação se produzem bens simbólicos de novo aspecto; (LAGE,2001, p.60)

Nesse sentido, observa-se que retratar a verdade factual é um desafio à capacidade humana, mas o jornalismo se apropriou de técnicas de escrita para reproduzir fatos relevantes da história e, por meio dos suportes digitais desenvolvidos pela evolução tecnológica, possibilitou o acesso às informações em tempo real por meio da internet. Aparentemente, as novas tecnologias também nos trazem o jornalismo do passado, que apresentamos aqui sob a

¹⁸ Palavra utilizada no âmbito de jornalistas para definir matérias inéditas, de grande repercussão.

argumentação de que esse jornalismo é um simulacro, pois a atualidade é fator intrínseco a essa técnica.

Ricoeur (1994) destaca que a retomada da história narrada constitui uma alternativa à representação do tempo como se escoando do passado em direção ao futuro. Para o autor é como se recapitulação invertesse a ordem natural do tempo, sendo ele apresentado do fim para o começo.

Nesse sentido, torna-se importante ressaltar que telespectador que assiste a uma reportagem antiga do Jornal Nacional terá a compreensão do acontecimento por conta da narrativa estar embasada em regras jornalísticas que envolvem técnicas de escrita consolidadas e também critérios de interesse público. Esses fatores garantem que a reportagem seja entendida porque carrega a estrutura e a estética narrativa iguais aos dias atuais, assim como os critérios de noticiabilidade se mantêm tanto nas reportagens antigas como nas atuais.

A tessitura da intriga igualmente engendra uma inteligibilidade mista entre o que já se chamou de a ponta, o tema, o "pensamento" da história narrada e a apresentação intuitiva das circunstâncias, dos caracteres, dos episódios e das mudanças de fortuna que produzem o desenlace. É assim que se pode falar de um esquematismo de função narrativa. (RICOEUR, 1994, p. 107)

O telespectador que acessa uma reportagem antiga entende que ela não é notícia factual, mas percebe que os critérios para a construção da estrutura narrativa e estética da reportagem são os mesmos, pois foram embasados no lead, cumprindo o formato do jornalismo informativo.

Nos telejornais do Brasil observa-se que o uso do lead é prática constante na estruturação das notícias. A escolha por pesquisar o Jornal Nacional se dá por ser esse telejornal o programa com maior audiência no Brasil desde a estreia, em primeiro de setembro 1969, até o ano de 2015. Serão analisadas, na sequência, três reportagens do telejornal (1970, 1990 e 2010). Todo o material analisado nesta pesquisa está disponibilizado nos canais oficiais da Rede Globo, na internet. Na análise das reportagens, serão observados: textos, imagens, narrador/narradores, entrevistados, tempo e interesse público.

Importante ressaltar que, durante a análise das reportagens escolhidas, percebeu-se que não há, na plataforma digital de streaming Globoplay e nem no site www.globo.com, nenhuma explicação quanto ao critério ou metodologia utilizada em termos de interesse público para a disponibilização de reportagens, tendo em vista que há acessos às reportagens antigas de apenas alguns dias de alguns meses e anos, o que foi uma interferência fundamental para a escolha do corpus de análise. Percebe-se que alguns acontecimentos são mais destacados do que outros por terem uma maior quantidade de reportagens referentes à mesma temática.

Assim como foi destacado nesta pesquisa, o jornalismo faz a escolha dos assuntos relevantes ocorridos na sociedade baseado no interesse público e no critério de noticiabilidade. Nesse caso da escolha da veiculação das reportagens sem atualidade exibidas no Jornal Nacional, observa-se que não há critério de periodicidade, cronológico ou qualquer outro definido para que apenas algumas reportagens sejam disponibilizadas, sendo assim, o que evidencia-se é existência de mais um “filtro”, sem justificativa explícita ou identificável, na disponibilização das reportagens sem atualidade veiculadas no Jornal Nacional e acessíveis na plataforma digital de streaming Globoplay e www.globo.com

Diante de um corpus limitado, dentre as edições do Jornal Nacional disponibilizadas no streaming Globoplay ou no site Globo.com, procurou-se buscar uma reportagem por década com temáticas diferentes no formato de jornalismo informativo, mostrando que cada uma das reportagens escolhidas apresenta singularidade distinta. Na sequência, serão explicados os motivos que levaram à seleção das três reportagens, assim como a linha narrativa delas para, posteriormente, apresentá-las sob a argumentação de simulacro de jornalismo, na análise proposta.

A primeira reportagem selecionada, “Beija-Flor faz desfile - A criação do mundo na tradição de Nago”, é da década de 1970 e foi escolhida por ser o primeiro vídeo do Jornal Nacional disponível na plataforma de streaming Globoplay. O material retrata o desfile da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. Em formato de nota coberta, o vídeo relata como foi o desfile dessa

escola. Alguns elementos jornalísticos que compõem o lead foram encontrados nessa reportagem.

Na primeira década dos anos 2000, o material escolhido foi “Sequestro ônibus 174”. Esse é um exemplo de uma reportagem típica do jornalismo diário. A notícia sobre o sequestro do ônibus 174 mostra como é a forma de uma reportagem factual. A apresentadora Fátima Bernardes, no estúdio, narrou ao telespectador algumas das principais informações, e na reportagem, a narrativa do repórter apresentou ao telespectador todos os elementos do *lead*. Nesse vídeo, além das informações do jornalista que acompanhava o acontecimento no local, o apresentador Willian Bonner, no estúdio, narrou dados que compunham o fato ocorrido; depois disso, a reportagem volta para o local do acontecimento até o desfecho do assunto.

A reportagem “Internautas registram ruas alagadas” da década de 2010, foi escolhida para ser analisada por mostrar a participação da tecnologia no dia a dia da sociedade e também no jornalismo após a disseminação dos celulares. No dia seis de abril de 2010, os apresentadores Willian Bonner e Fátima Bernardes anunciaram durante o Jornal Nacional que o Portal de Jornalismo das Organizações Globo na internet recebeu, por meio do site G1, muitas imagens impactantes feitas por telefones celulares e câmeras digitais de cidadãos que registraram a chuva forte, ruas alagadas e desmoronamentos causados pela tempestade, no Rio de Janeiro.

Os apresentadores também comunicaram que os cidadãos captaram cenas assustadoras muito antes das equipes de reportagem conseguissem chegar aos locais alagados. Imagens sem edição e com abre áudio/som da população comentando as dificuldades e caos que viveram naquele dia, compuseram dois minutos do telejornal com maior audiência no Brasil.

Seguem, então, as reportagens selecionadas das três décadas de jornalismo do Jornal Nacional. Elas podem ser acessadas pelos links abaixo da fotografia, o que se torna indispensável para o entendimento da argumentação.

Figura 1 - Década de 70, “A criação do mundo na tradição Nagô.”



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3179332/>

Globoplay¹⁹

Data: 06/02/1978 - Beija-Flor faz o desfile “A criação do mundo na tradição”.

Termo: Nota Coberta

Abertura: Abre áudio/sobre som. Captação de um som ambiente que pode ilustrar a matéria. Ex. o som de um pássaro. Cajazeira (2015)

Narrador: Um Narrador em terceira pessoa.

Entrevistados: Sem entrevistados.

Tempo: 00:56

No telejornalismo o formato dessa reportagem é denominado como nota coberta. Para Anelo (2016) trata-se de um conjunto de informações lidas pelo apresentador, com imagens gravadas e previamente editadas; um texto coberto com imagens. Na definição de abre áudio/sobre som presente nesta nota coberta, segundo Cajazeira (2015), trata-se da “captação de um som ambiente que pode ilustrar a matéria. Ex. o som de um pássaro.”

¹⁹ Análise de dados do corpus feito por Sara Marielli dos Santos Ferreira da Silva.

A nota coberta retrata o desfile de carnaval da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, em seis de fevereiro, de 1978. Esse é o primeiro material jornalístico do Jornal Nacional disponibilizado na Globoplay. Nesta nota, as imagens coloridas já rodavam no Brasil há oito anos²⁰ e relatam parte da festa de carnaval no Brasil. Neste vídeo, não são realizadas entrevistas. O narrador é o apresentador. Observa-se que ele não apresenta todas as informações fundamentais que compõem o lead. Ele apresenta o sujeito “quem” –Beija- Flor de Nilópolis, “onde” – pista, “que – desfilou”.

Esta nota coberta inicia com três segundos de abre áudio/sobe som da música enredo do desfile de carnaval da escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. Durante 11 segundos a voz do apresentador que exerce a função de narrador, fala: “Mas quando a Beija- Flor de Nilópolis surgiu na pista, muita gente achou que o desfile tinha acabado ali mesmo com o tricampeonato assegurado, pelo enredo a criação do mundo segundo Nagô.”

Depois da narração, uma constante troca de imagens de diferentes ângulos, mostram o desfile formado com muito integrantes da escola de samba. As câmeras também focalizaram em alguns participantes da escola e mostraram detalhes da fantasia e da dança. Carros alegóricos também foram exibidos nas imagens. Logo após a narração do apresentador uma sequência de imagens coloridas e som da música do enredo seguem mostrando ao público detalhes do desfile que conduzem a nota coberta até aos 56 segundos, quando é finalizada.

Percebe-se que a narrativa deste vídeo transparece a opinião do narrador: “Mas quando a Beija- Flor de Nilópolis surgiu na pista, muita gente achou que o desfile tinha acabado ali mesmo com o tricampeonato assegurado, pelo enredo a criação do mundo segundo Nagô.” Esta fala do narrador, passa ao telespectador a impressão de como se ele tivesse conversado com muitas pessoas no desfile.

Neste ponto da análise, é possível perceber que o fator relacionado à objetividade no jornalismo destacado por Charaudeau (2010) é ignorado, pois o narrador apresenta o que seria a opinião do público que estava nesse desfile

²⁰ A primeira transmissão ao vivo de esporte da televisão, como cerimônia, foi a Copa do Mundo de 1970 [...] Durante o evento, as primeiras transmissões experimentais em cores no país também foram realizadas (*Almanaque da TV Globo*, p. 74-75). (MARIALVA BARBOSA, 2013, p.323)

mesmo não veiculando nenhuma entrevista. Nesta nota coberta, o apresentador também não relaciona o motivo pelo qual a escola de samba teria assegurado o campeonato com o enredo - A criação do mundo segundo Nagô – neste sentido, há o questionamento se, mesmo quando foi veiculada, nos anos 1970, essa matéria já apontava para um jornalismo não autêntico, simulacro.

Observa-se que a nota coberta possui conteúdo informativo quando apresenta alguns elementos do *lead* (quem, que e onde) e, desta forma, demonstra a estética característica do jornalismo conforme Genro Filho (1987). Um outro ponto da análise refere-se ao interesse público empregado nesse assunto. O carnaval é uma das festas mais populares no Brasil e no mundo por ter a participação de milhões de pessoas. É um evento com impacto econômico e cultural na sociedade, por isso evidencia-se o critério de noticiabilidade empregado no jornalismo, embasado no fator legitimador da prática jornalística: o interesse público.

Assim como apontado por Genro Filho (1987) o elemento “que” do *lead*, representa o interesse público da reportagem, neste caso o “que” existe quando o narrador traduz a ação da escola de samba: “que” surgiu na pista. Há também nesta nota coberta a presença do elemento “quem” do *lead* quando o apresentador apresenta o sujeito da notícia, neste caso, o “quem” é a Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. Outra informação que compõe o lead e apresentado neste vídeo é o elemento “onde”, referenciando o local do acontecimento, sendo nesta nota coberta “na pista”.

Todos os elementos do jornalismo estão, aparentemente, nessa reportagem. Este vídeo, porém, assistido na atualidade, atrela-se ao conceito de simulacro pelo fato desse desfile ter sido único na história. Os outros desfiles de carnaval dessa mesma escola de samba não foram iguais e nem poderiam ser pelo fato das pessoas, público, tempo e espaço serem distintos. Esse tema escolhido pela escola de samba, essas fantasias, esse enredo e essas pessoas são únicos. Considerando que todos os anos o carnaval acontece no Brasil, esse desfile, dessa forma, não ocorrerá mais e nunca mais ocorreu após o momento em que as cenas foram registradas.

Nesse sentido, considera-se o posicionamento de Benjamin (2014). Ele afirma que o “aqui e agora” constitui o conteúdo da autenticidade. Sendo assim, se esta reportagem não carrega mais aspecto de atualidade, logo, perdeu a

autenticidade e caracteriza-se como um simulacro de jornalismo, ou seja, um dia no passado, esse desfile foi notícia, pois carregou os fundamentos de atualidade e interesse público – as pessoas torciam, emocionavam-se, participavam do desfile, cujo resultado ainda não era conhecido, mas, hoje é uma representação do passado em forma de nota coberta, trazida aos dias de hoje, pela tecnologia. Hoje, em alguns instantes após assistir a reportagem, em uma busca em Google, é possível descobrir que a Portela foi a escola vencedora desse ano, e não a Beija Flor.

Para Baudrillard (1981) quando o real já não é mais real, a nostalgia assume o sentido; nesse caso, a nota coberta conta de um tempo que não existe mais e por isso é nostálgica, pois, a objetividade e a autenticidade foram apagadas pela falta de atualidade. Aos acessos que se derem nessa nota coberta na plataforma Globoplay, percebe-se o consumo do conteúdo de um jornalismo não autêntico. Tudo o que foi reproduzido após o término desse desfile é sem periodicidade, pois a autenticidade e o interesse público necessário no jornalismo desse evento deixaram de existir.

Observa-se que a internet pode ser entendida como um canal que permite o acesso entre o passado e presente. Neste aspecto, Castells (2003) ressalta que as tecnologias podem participar da vida das pessoas oferecendo a elas novas formas de consumo de conteúdo. Diante desse posicionamento, é possível perceber que a internet ampliou e deu acesso ao público para escolher quais programas ou telejornais gostariam de assistir.

Para Barbero (2013), as inovações tecnológicas apresentadas pela internet fizeram com que a televisão, já conhecida pelo público, buscasse veículos de comunicação novas formas de atrair o público. Diante dessa afirmação do autor, percebe-se que a disponibilização de reportagens desde a década de 70 aponta para uma tentativa de retenção de público oferecendo não só o conteúdo atual, mas também aquilo que já foi notícia e hoje participa, sem atualidade, sem autenticidade, sem objetividade, mas aporta ao telespectador internauta a nostalgia diante de um simulacro de jornalismo.

Figura 2 - Década de 2000, “Sequestro do ônibus 174.”



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/1057596/>

Globoplay²¹

Data: 12/06/2000 - Sequestro do ônibus 174.

Termo: Reportagem

Abertura: Cabeça em estúdio com apresentadora Fátima Bernardes. Cajazeira (2015)

Narrador: Quatro narradores em terceira pessoa, sendo dois repórteres e dois apresentadores.

Entrevistados: Sem entrevistados.

Tempo: 03:13

Antes mesmo da reportagem iniciar, a apresentadora fala na cabeça: “Desespero e morte na Zona Sul do Rio de Janeiro.” Cajazeira (2015) define como “cabeça” a nomenclatura técnica utilizada no jornalismo: “texto que o apresentador lê antes de cada matéria ser apresentada. “A cabeça funciona

²¹ Análise de dados do corpus feito por Sara Marielli dos Santos Ferreira da Silva.

como um anúncio para chamar a atenção do telespectador, e dessa forma informa sobre qual será a próxima matéria a ser exibida.” (Cajazeira, 2015, p.9). É nesse momento, já na cabeça da reportagem que a apresentadora atrai a atenção do telespectador com dos substantivos “desespero” e “morte”, na seqüência comunica onde ocorreu o fato: na Zona Sul do Rio de Janeiro. O local referenciado por Fatima Bernardes é um dos itens que compõe o lead, “onde”.

Em seguida a apresentadora revela o “quem” e o “que” da reportagem. “Um homem armado sequestrou um ônibus, no bairro do Jardim Botânico.” Nesse caso, o “quem” refere-se ao homem sequestrador e o “que” demonstra a ação do homem: “sequestrou”. Já na reportagem, na primeira frase do texto o repórter comunica ao público “quando”, ou seja, o tempo em que o fato aconteceu: “pouco antes das três da tarde.”

Assim como proposto nessa pesquisa destaca-se o “quando” (fator tempo) “que” como fator de interesse público, pois, apresenta alguns elementos que embasam a existência da noticiabilidade relatando que um homem sequestrou um ônibus, isolou uma região da cidade, mobilizou centenas de policiais, causou angustia nas famílias dos reféns e causou comoção social ao narrar o risco que aquelas pessoas enfrentavam na mira da arma empunhado pelo sequestrador.

Para Sartor (2016), o jornalismo representa e pratica o interesse público a partir do momento que utiliza critérios de seleção e hierarquização dos dados da notícia. Ainda segundo o autor, o jornalismo se constrói discursivamente sob o compromisso de relatar a verdade dos fatos e colaborar com a democratização das informações. Observa-se o interesse público funciona como agregador daqueles que consomem a notícia e ainda compartilham publicamente nas redes sociais. Nesse sentido, entende-se que o anseio coletivo de compartilhar e discutir fatos narradas por meio de notícias é o que provoca iniciativas voltadas ao esclarecimento e a conhecimento de determinado assunto.

Nessa reportagem o lead sintetiza os dados mais importantes já no início da notícia, assim como afirma Genro Filho (1987) quando destaca que essa regra jornalística garante o relato do acontecido como um epicentro e depois oferece a percepção do conjunto do fato relatado divulgando as demais informações.

Durante o vídeo, é possível perceber a inserção de alguns áudios/sobre som que, misturados às imagens e à narração do repórter geram um clima de tensão na narrativa. O repórter numa tentativa de dar a sensação de imediatista e na busca de demonstrar que está atento à sequência de acontecimentos relativos a esse fato, faz uma passagem, relatando as ações do sequestrador. Para Cajazeira (2015), passagem é o trecho da matéria que o repórter aparece. Faz uma ligação entre um trecho da reportagem e outro. (2015 p. 22).

Em meio a sequência de fatos narrados nessa reportagem percebe-se que o tempo “quando” é um elemento explorado pelos jornalistas, e antes mesmo de chegar na metade da reportagem, mais uma vez o repórter relata ao telespectador: “pouco antes das 6 horas o assaltante atira para o chão.”

Um segundo apresentador participa da narração da reportagem relatando o pânico dos passageiros que ainda estavam no ônibus, em seguida, já a noite, outro repórter assume a condução da reportagem e noticia mais detalhes da ação do sequestrador, que ameaçava constantemente as vítimas. No momento em que o homem criminoso fala com os policiais, uma legenda aparece na tela. Pode-se entender que esse um recurso tecnológico (legenda) é utilizado para mostrar ao telespectador a realidade do momento, ou seja, a verdade factual empregada na reportagem, pois, ao invés de narrar o que sequestrador dizia, o telejornal optou em deixar claro ao público quais eram as palavras exatas ditas pelo criminoso, em diversos momentos da reportagem.

Na sequência da reportagem, mais uma vez o tempo é citado pelo repórter: “o primeiro prazo dado pelo bandido acabou às 6 horas, mas os policiais o convenceram a continuar negociando.” Logo após essa frase, em uma passagem o repórter relaciona o tempo passado com o presente daquele momento. “Seis e meia, a negociação não deu resultado, o bandido foi mais uma vez para frente do ônibus junto com a refém”.

Na narração do repórter feita na passagem, observa-se mais um referencial de tempo quando ele fala que: “mais uma vez o bandido foi para frente do ônibus”, ou seja, ele conta ao telespectador as ações do criminoso fazendo referenciando ao tempo. E, na sequência do off²², o repórter fala: “Ele deu um

²² Off é a gravação do texto em fita, sem imagens. (Cajazeiras, 2015, p. 21)

novo prazo para polícia, ele quer que as exigências sejam aceitas até as sete e meia da noite, se não ameaça matar todos os reféns.”

Após essa fala, a reportagem mostra que alguns reféns foram liberados, mas de repente, o sequestrador decide sair do ônibus com uma refém, a narração e as imagens mostram uma rápida negociação com a polícia, em seguida, o repórter fala que a polícia agiu e o barulho de tiros ganha destaque em uma abre áudio/sobe som. As imagens também mostram os disparos feitos pela polícia, como uma comprovação de verdade.

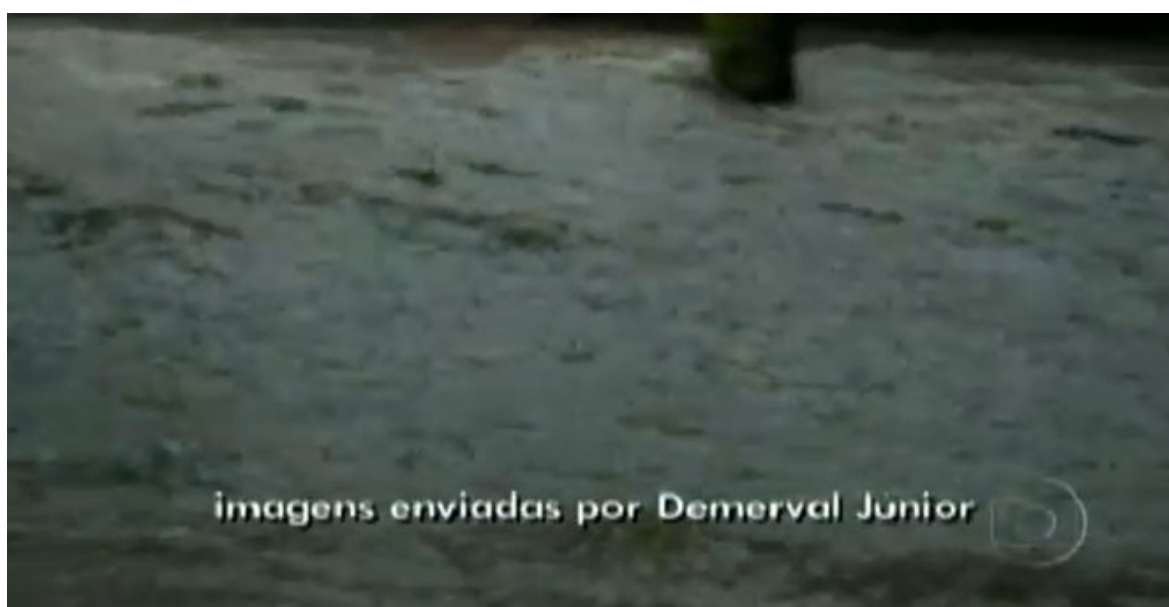
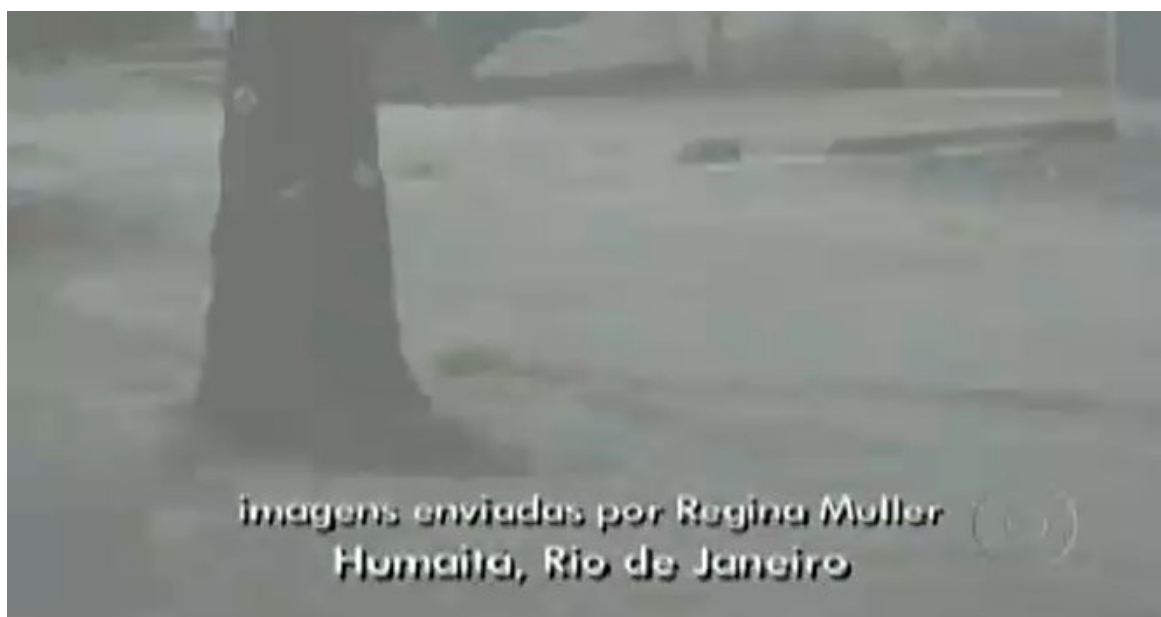
Nesse instante, é possível fazer uma relação com a verdade factual abordada por Eco (1984), pois ele destaca que a televisão em seu conjunto admite operar o real, o verdadeiro, por meio de programas de informação e assim concretizando a sua definição como um veículo de fatos.

Ao final da reportagem, o repórter informa que após a ação da polícia, sequestrador e refém foram levados ao hospital. Em nota pé²³, a apresentadora informa que tanto o criminoso quanto a refém, morreram.

Mais uma vez, a estrutura interna da matéria é idêntica a de qualquer telejornal. Mas a tensão que a reportagem gerou, a comoção pública de tal abordagem não se repete, pois é um sinal que somente o jornalismo autêntico poderia gerar. Neste sentido, além da renitente informação dos horários em que cada ação acontecia, o reflexo do público, no caso da reportagem disponibilizada posteriormente, denuncia que se trata de um simulacro da matéria original.

²³ Nota pé é um complemento da notícia. É sempre feito pelo apresentador depois da exibição da matéria.

Figura 3 - Década de 2010, "Internautas registram ruas alagadas no Rio de Janeiro."







imagens enviadas por Mário Veloso
São Gonçalo, RJ



imagens enviadas por Alessandra Martins
Lagoa, Rio de Janeiro



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/1243019/?s=0s>

Globoplay²⁴

Data: 06/04/2010 – Internautas registram ruas alagadas no Rio de Janeiro.

Termo: Nota coberta

Abertura: Cabeça em estúdio com apresentador William Bonner. Cajazeira (2015)

²⁴ Análise de dados do corpus feito por Sara Marielli dos Santos Ferreira da Silva.

Narrador: Dois narradores em primeira pessoa e dois apresentadores em terceira pessoa

Entrevistados: Sem entrevistados.

Tempo: 03:13

Em formato de cabeça, no estúdio, o apresentador William Bonner, no início do texto aponta o tempo do acontecimento: “desde o início da chuva, ontem à tarde, o portal de jornalismo das Organizações Globo recebeu na internet, muitos vídeos enviados pelo público.” Destaca-se que, nessa primeira informação dada pelo apresentador, ele confirma que as imagens a serem divulgadas foram feitas por internautas.

Para Enzensberger (2003), as transformações espontâneas impulsionadas pelas massas abrigam uma energia cultural. Nesse caso, observa-se que a divulgação de imagens recebidas pela internet demonstra a participação do público e uma ação interativa com a televisão maior de quando somente os programas de entretenimento possibilitavam a participação direta do público. Segundo Flusser (2013), a hegemonia da televisão pluralizada serve como motivação para as inovações de desenvolvimento dos meios de comunicação.

Nesse caso o apresentador explica já nas primeiras frases do texto que muitas pessoas enviaram imagens gravadas para o portal de notícias G1 e confirma que: “os cidadãos mostraram cenas assustadoras muito antes que as equipes de reportagem pudessem chegar aqueles locais exatamente por causa das águas que bloqueavam os acessos.” A população e os apresentadores em estúdio relataram a notícia. Para Charaudeau (2010) a internet trouxe ainda mais agilidade na formação do processo de atualidade. Seguindo o posicionamento do autor, comprova-se que tal afirmação nesse acontecimento, pois, a população participou diretamente na construção da notícia, filmando e enviando imagens para um site de notícias que é hibridizado com telejornal de maior audiência no Brasil.

Observa-se, nessa situação, o emprego de verdade factual relatada não por um repórter, mas sim, por um personagem da história, que estava no local do acontecimento antes mesmo que o jornalista pudesse reportar, e usou a tecnologia como uma aliada na produção de uma narrativa, divulgada pelo

telejornal de maior audiência no Brasil. Benjamin (2014) destaca que a autenticidade da obra está no momento é produzida, fazendo um paralelo com a verdade factual, percebe-se uma aproximação com o conceito de verdade factual já que, esta também, é produzida no momento que o acontecimento é registrado pela narrativa jornalística.

Nesse material não teve a participação de um repórter na rua para dar credibilidade ou auditoria, mas não deixou de ser notícia naquele dia porque os jornalistas mesmo estando na redação viram o interesse público do fato das enchentes afetarem a vida de milhares de pessoas no Rio de Janeiro.

Para Gancho (1991) não existe narrativa sem narrador, mas, essa nota coberta “perde” o “narrador oficial”, o repórter, que por conta de uma intempérie da não chega ao local do acontecimento. As imagens assumem compõe a maior parte da reportagem só é narrada pelos apresentadores em estúdios e pelos cidadãos, citados jornalisticamente como personagens, quando descrevem o que estão vivenciando. Nesse sentido, entende-se que há um narrador, porém não é ele, repórter.

Na sequência a fala de William Bonner, a apresentadora Fátima Bernardes, também no estúdio, comunica que imagens que serão apresentadas foram feitas por internautas que usaram aparelhos celulares e câmeras digitais para registrar “flagrantes” dos alagamentos nas ruas do Rio de Janeiro. As imagens enviadas pelos internautas em sua maioria eram compostas de áudio/sobe som. Algumas delas tinham a narração dos internautas que faziam a filmagem, ou seja, falavam em primeira pessoa, literalmente narravam o que viam e viviam naquele momento. Uma pessoa que filmou a enchente, informou a localização: “isso está acontecendo na radial oeste, na radial oeste.” Encontra-se nessa fala o elemento do lead “onde”.

Entre uma imagem e outra, era inserida na tela a logomarca do G1, sinalizando aos telespectadores que aquelas imagens eram pertencentes ao Portal de Notícia das Organizações Globo, na internet.

Sodré (2006) destaca que é preciso considerara tecnologia como forma hegemônica de consciência histórica anuncia uma mutação antropológica, já visível nas novas gerações que nascem e se desenvolvem no interior do bios virtual, com novas aptidões neurológicas, dentre as quais apresentam comportamentos ligados à substituição rápida de valores, descartabilidade dos

códigos de conduta, gestualidade indicial gerida pela moda ou pelo mercado, velocidade informacional das imagens, das conexões ou das realizações táteis.

Seguindo o posicionamento do autor, observa-se que o público tem a percepção do real dentro daquilo que deseja intuitivamente impulsionado pela estética ou pelo curioso que é ofertado pelo mercado e pela mídia. A escolha de conteúdo feita pelas gerações do bios virtual garantem o que querem consumir através do toque na tela, entende-se que isso é a mutação antropológica, porém, se o consumo de conteúdo for referente a uma reportagem não atual, evidencia-se o consumo de um simulacro de jornalismo.

Diante dessas reportagens analisadas, observa-se que mesmo em tempos diferentes do passado, a estrutura da escrita jornalística, a narrativa, e a estética está igual, mas, quando analisa-se o elemento de cada cena, ou seja, as ações, os personagens, o ambiente, não estão mais no mesmo local e no mesmo tempo verifica-se que a data referência na narrativa não é mais hoje, é passado, é ontem, logo, evidencia-se o simulacro.

Já o conceito de verdade factual defendido por Eco (1984) refere-se a aquilo que aconteceu, está na história e pode voltar ao presente, no formato de reportagem jornalística na internet, sem o caráter de ao vivo, fora da periodicidade, e, no caso do Jornal Nacional, se a reportagem não é veiculada na edição do dia “hoje”, não é autêntica. A procura daquilo que foi jornalismo e hoje faz parte do antigo, do simulacro de jornalismo, pode tornar-se uma referência sensível de uma experiência vivida, registrada sob a essência e os critérios de noticiabilidade que se mantêm preservados até o “hoje”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estética clássica foi um dos temas de discussão na correspondência entre os escritores e teóricos Goethe e Schiller. Uma das propostas da referida corrente era trazer a tragédia grega da Antiguidade ao palco europeu do século XVIII. Neste sentido, os autores resgataram as peças teatrais de Ésquilo, Sófocles e Eurípidas, adaptaram-nas, sob a teoria aristotélica e, com os mesmos personagens, títulos e, muitas vezes, partes dos roteiros, ressuscitavam a arte de eras remotas. Em sua reflexão, Schiller questiona como seria possível trazer a tragédia grega – intrinsecamente lincada a seu tempo – se não conseguiam trazer a sociedade grega.

A reflexão deste trabalho vem ao encontro dessa preocupação. Assim como os clássicos, acredita-se ser possível trazer, pela internet, o jornalismo do que passou, e as matérias analisadas são exemplo disso. No entanto, não se traz junto a singularidade daqueles momentos inseridos em particularidades e universalidades. Isso altera o que se traz. No caso do corpus deste trabalho, tratamos as reportagens analisadas, às quais faltam atualidade e, por conseguinte, a sociedade em que foram formadas, de simulacro.

As teorias, as reflexões e os posicionamentos dos autores contribuíram para que, nesta pesquisa, fosse apontado que o jornalismo existe e cumpre a função social a partir do relato de fatos baseados no interesse público, na atualidade e na verdade factual.

Observa-se que, a partir do desenvolvimento da tecnologia e do aumento da participação da internet no cotidiano das pessoas, impulsionada pelo surgimento de novos suportes tecnológicos na sociedade, os veículos de comunicação também deram início a uma nova dinâmica ao ato de informar, pois, a atualidade da notícia mudou de tempo por causa da internet que oferece acesso em qualquer tempo; portanto, entende-se que a periodicidade dos produtos jornalísticos tradicionais foi impactada pela possibilidade de, através de links, consumir-se tanto reportagens ao vivo ou inserida na atualidade do veículo, assim como matérias não atuais, que apresentam a aparência do mesmo jornalismo, mas com a diferença do desprezo pela atualidade.

Nessa pesquisa também analisou-se que a estrutura do *lead* funciona como regra jornalística com o intuito de divulgar as principais informações já nas

primeiras linhas do texto da notícia por meio dos elementos: “quem”, “que”, “quando”, “onde”, “como” e “por que”. Essa prática de usar o *lead* garante a manutenção da distância do narrador, permite criar uma estética textual própria da linguagem jornalística, julga a existência do interesse público e ainda deixa ao telespectador a incumbência de promover o próprio julgamento da notícia, representando a singularidade do fato.

Essa pesquisa também retratou que a verdade factual é um desafio à capacidade humana, mas o jornalismo se apropriou de técnicas de escrita para reportar fatos relevantes da história tanto na internet como em veículos de comunicação de massa tradicionais.

Também foi retratado que a objetividade é antagônica à subjetividade. Nesse sentido, analisou-se o uso do gênero informativo identificado quando a notícia carrega predominantemente a narrativa factual, diferentemente do formato do jornalismo opinativo que emprega opinião e a análise de algum especialista, mas, para essa pesquisa, apresentou-se o gênero jornalístico informativo.

Entende-se que jornalismo informativo tem como função a representação do interesse público, e por meio da profissão, o jornalista utiliza critérios para seleção, hierarquização e construção da notícia, a partir do entendimento que o assunto é relevante para ser reportado a sociedade.

Mostrou-se que o jornalismo se constrói discursivamente sob o compromisso de relatar a verdade factual e colaborar com a manutenção e o desenvolvimento da democracia. Cabe ao jornalista, o papel de interpretar assuntos que diz respeito a temas sociais e que tenham relevância para que de alguma forma relacionem-se com o público que vai consumir tais notícias. Se isso houver, caracteriza-se interesse público.

No que diz respeito a atualidade de jornalismo Adelmo Genro (2012), destaca que esse é o principal atributo compatível à singularidade, o “aqui” e o “agora” referenciam a particularidade que contextualiza o *Zeitgeist*, dito “Espírito do Tempo”, definido por Hegel. E, nessa pesquisa, o tempo ganha destaque por ser um elemento primordial na análise das três reportagens analisadas.

Nesse aspecto surge o questionamento sobre a atualidade do jornalismo perante aos acontecimentos relevantes de um determinado tempo, pois, se a notícia é ao vivo ou no tempo presente do veículo, compreende-se que há

presença de atualidade, mas, se for divulgada fora da periodicidade, logo, perde sua autenticidade assim como destaca Baudrillard (1981), Chauí (2006), Benjamin (2014), Charaudeau (2010), Sodré (2006) o Perniola (2009), e, neste trabalho, tratamos como simulacro.

O conceito de simulacro serve como base para essa pesquisa, pois, é por meio dele que se pode perceber que as reportagens antigas do Jornal Nacional possuem linguagem similar à utilizada desde a estreia até às edições atuais, possui também as mesmas regras e estética de escrita jornalística, além de manter o mesmo critério de noticiabilidade, mas, por conta dessas reportagens analisadas estarem fora da periodicidade, não criarem impacto social, entende-se que são simulacros de jornalismo.

Ao analisar as narrativas do Jornal Nacional, inseridas no corpus deste trabalho, percebe-se que a tecnologia foi um dos propulsores que contribuíram para que o público consumisse produtos jornalísticos fora da periodicidade praticada pelos veículos de comunicação de massa tradicionais.

Entendeu-se que a rede virtual teve aderência no que diz respeito ao consumo de informações na internet e por isso gerou demandas para o desenvolvimento de novas opções de escolha de conteúdo. Castells (2003) destaca que a internet é um meio de comunicação que permitiu, a comunicação de muitos com muitos, em tempo simultâneo, o que implica em uma diversidade na oferta na medida em que haja interesse – procura.

O mesmo autor também mostra que o desenvolvimento e a participação da internet no cotidiano das sociedades estão interferindo no comportamento das pessoas, principalmente as mais jovens, que optam por assistir programações exibidas na internet ao invés de acompanhar canais de televisão.

Diante desse apontamento, aponta-se a importância de mais estudos sobre tecnologia, considerando que esse é um tema tão atual como as novas tecnologias, que participam e regem determinados acontecimentos na contemporaneidade.

Ao estudar os suportes tecnológicos que se desenvolvem em cada tempo, faz-se ver a necessidade de universidades terem recursos, estimularem e investirem em projetos para que novos estudos sejam realizados, a fim de entender o nosso tempo e garantir a outros estudantes e pesquisadores não só um apanhado histórico, mas também dados relevantes que possam ser úteis e

servam de base para outros estudos ainda mais aprofundados em temas que envolvam tecnologia e contribuam para uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANELO, Claudia Regina Ferreira. *WhatsApp e a escolha dos formatos nas interações do telejornal MS Record 1ª Edição*. UFMS, 2016.

ARAGÃO, Rodrigo Martins. *TELEJORNALISMO TRANSMÍDIA: Modos de endereçamento e estratégias enunciativas no Jornal Nacional*. Recife/PE: UFPE, 2019.

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/35884/1/TESE%20Rodrigo%20Martins%20Arag%c3%a3o.pdf> Acesso em: 22.09.2021.

BARBOSA, Marialva. *História da comunicação no Brasil*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2013.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Tradutora Maria João da Costa Pereria. Lisboa: Relógio D'água, 1981.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L& PM Editores, 2014.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. *Os doze passos em telejornalismo*. UFCA: Cariri, 2015.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003.

_____. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

COSTA, Osmani Ferreira da. *Televisão e Política*. Londrina: Eduel, 2015.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. *A História da Televisão no Paraná: um jeito próprio de fazer parte da televisão brasileira*, 2004.

DA MOTA ROCHA, MARIA EDUARDA. *Do “mito” ao “simulacro”: a crítica da mídia, de Barthes a Baudrillard Galáxia*, núm. 10, 2005, pp. 117-128 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo, Brasil

ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Tradução de Aurora Fornoni e Homero de Freitas Andrade – Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo*. Tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica, Andréa Daher. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Atualidade no jornalismo. Base para sua delimitação teórica*. 2003
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6056/1/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf>

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. Série Princípios. 1991.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê. 1987

Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo / organização Memória Globo. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

JAMBEIRO, Othon. *A tv no Brasil do século XX*. Salvador: EDUFBA, 2001.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis. UFSC: Insular, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. da UFRJ, 2013.

MARTINO, Luis Mauro Sá. *Comunicação & identidade. Quem você pensa que é?* São Paulo: Paulus. 2014

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. *A revolução digital e os desafios da comunicação*. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013.
<http://repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/766/1/a%20revolucao%20digital%20e%20os%20desafios%20da%20comunicacao%281%29.pdf> Acesso em: 26.06.2021

MELO, José Marques. *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório*. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 04.06.2021

MOREIRA, Barbara H. G. Medeiros. *Atualidade jornalística na web e critérios de usabilidade*. 2007 Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3576/1/arquivo4781_1.pdf

NUNES, Benedito. *O Tempo na narrativa*. São Paulo: Ática. 1995.

PERNIOLA, Mario. *Colección Nómadas La societa dei simulacri*. Buenos Aires, 2009. Tradução: Carlo R. Molinari Marotto

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução Constança Marcondes Cesar - Campinas, SP : Papirus, 1994.

ROCHA JUNIOR. Ulisses Gomes. *As transformações dos recursos da linguagem do jornal nacional*. São Paulo, SP: Uninp, 2017.

<https://repositorio.unip.br/programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/as-transformacoes-dos-recursos-da-linguagem-do-jornal-nacional/> Acesso em 21.09.2021

SARTOR, Basilio Alberto. *A noção de interesse público no jornalismo*. 2016 Disponível em : <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/140712>

SODRÉ, Muniz As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

SOUZA, Maurini (org.) *As linguagens do presente: comunicação e formações socioculturais*. Londrina: Syntagma Editores, 2019. Disponível em <https://syntagmaeditores.com.br/livraria/as-linguagens-do-presente> . Acesso em 18.03.2022.